

PAPA HIGHIRTE
ODUVALDO VIANNA FILHO

Yan Michalski nasceu na Polônia em 1932; está no Brasil desde 1948, e é brasileiro naturalizado desde 1956. Formado em Direção Teatral pela Fundação Brasileira de Teatro, trabalhou durante alguns anos como ator e diretor, antes de assumir, em 1963, a coluna teatral do Jornal do Brasil, que continuou assinando até 1982, quando passou a colaborar com o mesmo jornal como repórter especializado. De 1970 a 1982 foi Professor Assistente do Centro de Artes da Uni-Rio, e atualmente é Coordenador dos Cursos da CAL — Casa das Artes de Laranjeiras. Tem numerosos ensaios publicados em revistas nacionais e estrangeiras, e é autor do livro *O Palco Amordaçado* (Avenir Editora, 1979), trabalho com o qual ganhou, em 1978, o Concurso Nacional de Monografias do Serviço Nacional de Teatro.

Coordenou o projeto editorial de Edições Muro que pretendia publicar a obra completa de Oduvaldo Vianna Filho, mas lançou apenas o primeiro volume da coleção. Integrou três comissões julgadoras que atribuíram o primeiro lugar a textos de Oduvaldo Vianna Filho: Prêmio Coroa de Teatro, para *A Longa Noite de Cristal*, e Concurso Nacional de Dramaturgia do SNT, para *Papa Highirte* e para *Rasga Coração*.

Quando o então jovem dramaturgo Jorge Andrade, por ocasião de uma viagem de estudos à América do Norte, entrevistou-se com Arthur Miller e pediu-lhe conselhos para o futuro da sua carreira, ouviu do consagrado autor norte-americano mais ou menos a seguinte resposta: “Volte ao seu país, observe como o seu povo vive, como gostaria de viver, e escreva sobre a diferença”

Esta mesma receita parece constituir um dos possíveis denominadores comuns entre as três peças de Oduvaldo Vianna Filho reunidas neste volume. Os protagonistas de *Papa Highirte*, de *Rasga Coração* e de *Mão na Luva*, embora muito diferentes entre si, são todos altamente representativos da população brasileira, entre outras coisas precisamente na medida em que existe uma drástica discrepância entre, por um lado, o que eles gostariam de ser e como gostariam de viver e, por outro, o que eles de fato são e como eles de fato vivem; e é justamente sobre esta diferença, mais talvez do que sobre qualquer outro aspecto das suas existências e das circunstâncias que as envolvem, que Vianinha escreve, com dolorida compreensão e compaixão humana, que não exclui uma lúcida e por vezes impiedosa análise das suas contradições.

Cada um destes multifacetados personagens tem na cabeça um projeto de vida claramente definido, embora profundamente subjetivo, pois movido a wishful thinking — ou seja, dissociado da capacidade real de cada um de colocá-lo em prática. Juan Maria Guzamón Highirte pretende ficar na história como uma espécie de Getúlio Vargas de Alhambra, um paizinho dos pobres preocupado com o bem-estar do povo, e responsável por uma série de leis que tenham contribuído para melhorar as suas condições de vida. Seu antagonista, Maria, queria (ainda que com algumas reticências...) participar de uma revolução que derrubasse o governo tirânico e introduzisse em Alhambra a justiça social. Manguari Pistolão, o herói anônimo de *Rasga Coração*, dedicou grande parte de sua vida à política — uma humilde política ao alcance dos heróis anônimos —, no empenho de ajudar o Brasil através da sua modesta contribuição individual, a tornar-se um País melhor, mais consciente dos seus problemas, mais apto a resolvê-los. Seu filho e antagonista, Luca, irmana-se com ele em objetivos semelhantes, mas através de caminhos completamente diferentes. as transformações que ele almeja não se colocam no terreno da política, e sim no de uma reforma de costumes, da ética, da visão existencial, da erradicação da maneira de ver as coisas, característica de geração falida dos seus pais. O protagonista de *Mão na Luva*, ao longo da peça referido apenas como Ele (mas no final identificado pelo seu nome próprio, Lúcio Paulo Freitas), pretende firmar-se como intelectual contestador, através de

Yan Michalski nasceu na Polônia em 1932; está no Brasil desde 1948, e é brasileiro naturalizado desde 1956. Formado em Direção Teatral pela Fundação Brasileira de Teatro, trabalhou durante alguns anos como ator e diretor, antes de assumir, em 1963, a coluna teatral do Jornal do Brasil, que continuou assinando até 1982, quando passou a colaborar com o mesmo jornal como repórter especializado. De 1970 a 1982 foi Professor Assistente do Centro de Artes da Uni-Rio, e atualmente é Coordenador dos Cursos da CAL — Casa das Artes de Laranjeiras. Tem numerosos ensaios publicados em revistas nacionais e estrangeiras, e é autor do livro *O Palco Amordaçado* (Avenir Editora, 1979), trabalho com o qual ganhou, em 1978, o Concurso Nacional de Monografias do Serviço Nacional de Teatro.

Coordenou o projeto editorial de Edições Muro que pretendia publicar a obra completa de Oduvaldo Vianna Filho, mas lançou apenas o primeiro volume da coleção. Integrou três comissões julgadoras que atribuíram o primeiro lugar a textos de Oduvaldo Vianna Filho: Prêmio Coroa de Teatro, para *A Longa Noite de Cristal*, e Concurso Nacional de Dramaturgia do SNT, para *Papa Highirte* e para *Rasga Coração*.

Quando o então jovem dramaturgo Jorge Andrade, por ocasião de uma viagem de estudos à América do Norte, entrevistou-se com Arthur Miller e pediu-lhe conselhos para o futuro da sua carreira, ouviu do consagrado autor norte-americano mais ou menos a seguinte resposta: “Volte ao seu país, observe como o seu povo vive, como gostaria de viver, e escreva sobre a diferença”

Esta mesma receita parece constituir um dos possíveis denominadores comuns entre as três peças de Oduvaldo Vianna Filho reunidas neste volume. Os protagonistas de *Papa Highirte*, de *Rasga Coração* e de *Mão na Luva*, embora muito diferentes entre si, são todos altamente representativos da população brasileira, entre outras coisas precisamente na medida em que existe uma drástica discrepância entre, por um lado, o que eles gostariam de ser e como gostariam de viver e, por outro, o que eles de fato são e como eles de fato vivem; e é justamente sobre esta diferença, mais talvez do que sobre qualquer outro aspecto das suas existências e das circunstâncias que as envolvem, que Vianinha escreve, com dolorida compreensão e compaixão humana, que não exclui uma lúcida e por vezes impiedosa análise das suas contradições.

Cada um destes multifacetados personagens tem na cabeça um projeto de vida claramente definido, embora profundamente subjetivo, pois movido a wishful thinking — ou seja, dissociado da capacidade real de cada um de colocá-lo em prática. Juan Maria Guzamón Highirte pretende ficar na história como uma espécie de Getúlio Vargas de Alhambra, um paizinho dos pobres preocupado com o bem-estar do povo, e responsável por uma série de leis que tenham contribuído para melhorar as suas condições de vida. Seu antagonista, Maria, queria (ainda que com algumas reticências...) participar de uma revolução que derrubasse o governo tirânico e introduzisse em Alhambra a justiça social. Manguari Pistolão, o herói anônimo de *Rasga Coração*, dedicou grande parte de sua vida à política — uma humilde política ao alcance dos heróis anônimos —, no empenho de ajudar o Brasil através da sua modesta contribuição individual, a tornar-se um País melhor, mais consciente dos seus problemas, mais apto a resolvê-los. Seu filho e antagonista, Luca, irmana-se com ele em objetivos semelhantes, mas através de caminhos completamente diferentes. as transformações que ele almeja não se colocam no terreno da política, e sim no de uma reforma de costumes, da ética, da visão existencial, da erradicação da maneira de ver as coisas, característica de geração falida dos seus pais. O protagonista de *Mão na Luva*, ao longo da peça referido apenas como Ele (mas no final identificado pelo seu nome próprio, Lúcio Paulo Freitas), pretende firmar-se como intelectual contestador, através de

adesão a uma produção independente — um jornal alternativo, uma editora — que rejeite os canais institucionalizados de comunicação, desvirtuados pelas contradições do regime capitalista.

Nada disso dá certo. Quer devido a pressões que o contexto social adverso da etapa pós-64 exerce sobre todos estes a seu modo bem intencionados indivíduos, impedindo-os de transformar os seus propósitos em realidades, quer por causa da frágil força de vontade de cada um, eles acabam fazendo escolhas que entram em conflito com os caminhos que, nas suas respectivas cabeças, eles se haviam traçado. Highirte é humilhanamente repellido pelo seu país, que vê nele apenas um tirano sanguinário. Maria não faz revolução nenhuma, denuncia debaixo de tortura seus companheiros de luta, e acaba matando Highirte num momento em que tal gesto já se tornou politicamente inócuo. Manguari continua fiel às suas convicções e aos seus rotineiros rituais que ele considera políticos, sem perceber que na verdade se tornou um pequeno-burguês acomodado, atemorizado, omissor. Luca foge da luta a que em princípio se propusera, pela escapatória da droga e da alienação. E o Ele de Mão na Luva renega pelas opções de cada dia — aceitação de um prestigioso cargo público, permanência na redação da revista onde precisa fazer concessões após concessões — tudo aquilo que, de boca para fora, ele continua sustentando como sendo os objetivos que ele se teria traçado.

Na verdade, por mais simpáticos e humanos que alguns deles sejam, por mais que possamos identificar-nos emocionalmente com as suas hesitações e contradições, o fato é que todos eles são, a seu modo, traidores. E Vianinha dá-se ao luxo de atribuir a cada um deles um momento (ou alguns momentos) de claríssima falha trágica — expressão cunhada por Aristóteles há mais de 2.300 anos —, a partir da qual não há mais volta atrás. Não é necessário que essa falha tenha sido fruto de deliberada má fé: o herói trágico por excelência, Édipo, comete a sua sem ter a mínima chance de dar-se conta de que a está cometendo. Os heróis de Vianinha, menos expostos à fatalidade divina, dispõem de uma dose maior de livre-arbítrio, e portanto teriam de algum modo podido escapar à maldição da traição. Supõe-se que não eslava fora do alcance de Highirte deixar de instalar em Alhambra o reinado de tortura e arbítrio em que seu país transformou-se durante o seu governo. Que não teria sido humanamente impossível a Mariz resistir às torturas a que foi submetido, evitando assim a sua falha trágica de denunciar os companheiros. Que, da mesma forma, Manguari poderia ter evitado, no plano do passado, acovardar-se e humilhar-se diante dos seus torturadores, assim como no plano do presente não precisava acovardar-se e humilhar-se como o fez diante das pressões do seu dia-a-dia. Que Luca, no clímax dramático da sua trajetória, não precisava ter denunciado a sua namorada Milena ao diretor do colégio. Que Lúcio Paulo Freitas, o Ele, podia muito bem se ter mostrado mais solidário com os seus colegas, acompanhando-os na previamente combinada saída da revista vendida a interesses escusos para um jornal independente e limpo, em vez de beneficiar-se com os cargos e funções que se tornaram vagos com a saída dos companheiros. Mas se eles acabaram fazendo estas e não outras opções, é que em algum canto das suas respectivas personalidades eles, contraditoriamente, não eram capazes de agir de outra maneira. a macunaímica falta de uma maior firmeza de caráter, flagrante nestas suas escolhas decisivas, equivale, nos seus universos contemporâneos vazios de deuses, à fatalidade divina das falhas trágicas dos heróis gregos, e faz deles, a seu modo, autênticos heróis trágicos da modernidade brasileira, em que gestos pequenos e medíocres, quando não meras omissões, substituem a grandeza clássica de Édipo matando o pai e casando com a mãe.

Curiosamente, todos estes humaníssimos traidores são do sexo masculino. As

mulheres que com eles convivem, como sempre na obra de Vianinha figuras até certo ponto de segundo plano e mais monolíticas — mas nem por isso menos patéticas — do que os seus maridos, amantes e amigos, percorrem trajetórias mais retas, mais fiéis aos ideais de vida que adotaram (ou que lhes foram impostos pela sua posição mais passiva no conjunto das forças em jogo). A velha Grissa permanece fiel à lembrança do seu assassinado sobrinho Manito e à sua atávica lealdade ao seu pais, Alhambra; enquanto Graziela consegue ser igualmente fiel a duas figuras antagônicas, Mariz e Highirte. Nena, mulher de Manguari e mãe de Luca, não deixa nunca de aceitar e respeitar as frágeis razões e motivações tanto do marido quanto do filho, sendo sempre uma emérita colocadora de panos quentes entre os dois. E se é verdade que Sílvia, a Ela de Mão na Luva, chega a trair esporadicamente o marido (pelo menos o que ela lhe conta — mas será que podemos ter certeza de que os adultérios aconteceram de verdade?), ela o faz (se é que de fato o faz) movida pelo impulso de uma fidelidade maior — a fidelidade a uma imagem ética idealizada pela qual, anos antes, ela se havia originalmente apaixonado. E, de qualquer maneira, no desfecho ela acaba voltando ao seu compromisso amoroso mais forte, mesmo sabendo, agora, que ele não corresponde àquela imagem idealizada. Magníficos personagens femininos, mas talvez sem a mesma irresistível verdade nos meios-tons e nas contradições que caracteriza os seus parceiros.

Do ponto-de-vista da estrutura dramatúrgica, as três peças apresentam o denominador comum de uma brilhantemente trabalhada construção em diversos planos de tempo — um recurso que Vianna, depois de superar a narrativa linear das suas primeiras obras, foi dominando e burilando pacientemente, até alcançar o notável virtuosismo e complexidade com que esse recurso é manejado no seu canto de despedida, Rasga Coração, em que a manipulação das técnicas de contraponto cronológico adquire as dimensões de uma personalíssima poética. Em Papa Highirte, a estrutura temporal assume uma forma mais convencional — mas nem por isso menos eficiente — de uma ação presente única, intercalada por pequenos mais incisivos flash-backs que a explicam, justificam e comentam. Já em Mão na Luva os planos do passado são mais do que meros flash-backs: são eles, na verdade, que definem toda a noção de evolução dos personagens, e as suas diferentes distâncias no tempo, em relação à ação presente, são dados fundamentais para a correta assimilação da história. Os sofisticados contrapontos, muitas vezes sob forma de uma mesma fala ou uma mesma imagem repetidas, ironicamente, em diversas épocas da trajetória dos personagens, adquire um sentido diferente de acordo com o contexto da data em que foram formuladas, constituem um elemento essencial para a elaboração do envolvente universo poético da peça.

Papa Highirte e Rasga Coração já são verdadeiros clássicos da moderna dramaturgia brasileira, desde a divulgação que o primeiro destes textos teve ao vencer, em 1968, o Concurso Nacional de Dramaturgia do então Serviço Nacional de Teatro, causando a suspensão desse evento por seis longos anos, e desde que Rasga Coração repetiu a vitória na retomada do mesmo concurso, em 1974; sendo que em ambos os casos as peças foram proibidas pela Censura, imediatamente após terem sido premiadas. A quase simultânea encenação de ambas, na euforia da abertura que caracterizou a temporada teatral carioca de 1979, permitiu que elas fossem amplamente vistas e debatidas, embora não se possa considerar que o debate a respeito destas densas e complexas obras já se acha esgotado. No futuro, novas encenações poderão contribuir para enriquecer a discussão. De qualquer modo, a presente reedição dos dois textos, reunindo-os num mesmo volume, afigura-se muito oportuna, pois as publicações antes promovidas pelo SNT, em volumes avulsos e em tiragens muito inferiores à procura, acham-se há muito esgotadas (sendo que a de Papa

Highirte, na verdade, nunca chegou a circular).

Mas tudo indica que a grande sensação deste volume será Mão na Luva Em primeiro lugar, pela surpresa que representa: uma peça de Oduvaldo Vianna Filho escrita em 1966 e mantida inédita e não encenada até agora constitui, a esta altura, para os incontáveis admiradores e estudiosos do autor, um prato inesperado. Mas o seu interesse não se limita à sua novidade. Trata-se de uma obra que parece predestinada a despertar emoções e controvérsias, que provavelmente receberão um adicional impulso quando a peça chegar finalmente ao palco, o que, segundo tudo indica, deverá acontecer neste ano em que transcorre o 10^a aniversário da morte do autor. À prováveis controvérsias não deixarão de apontar para o que a peça tem de substancialmente diferente de todo o resto da obra de Vianna. Como nenhum outro dos seus textos, este é um apaixonadíssimo poema de amor, recitado através de diálogos de um lirismo desenfreado, às vezes singularmente pouco submisso às normas do raciocínio, aspecto surpreendente em se tratando de um dramaturgo que na época questionava, às vezes duramente, a exaltação do irracionalismo no teatro do fim dos anos 60. Mas a peça acaba construindo a sua lógica própria, que passa pela trilha da paixão e da poesia. Com efeito, não hesito em prometer que o leitor encontrará aqui algumas das mais passionais, belas e comoventes declarações de amor até hoje escritas para o teatro no Brasil. E, por outro lado, este por vezes quase delirante grito lírico não exclui a presença de um poderoso e rigoroso contexto histórico, social e político. Pelo contrário: os caminhos e descaminhos da dolorida paixão que une Ele e Ela são sempre determinados, na dosagem exata e com perfeita clareza, pelas pressões do momento histórico que o casal e o país atravessam. Assim, como sempre, Vianinha mostra-se — contrariamente, poderíamos dizer, aos seus personagens — exemplarmente coerente com o seu projeto de vida, ao mesmo tempo em que nos mostra que tal coerência não impede mergulhos profundos em formas extraordinariamente diversificadas de criação artística.

Yan Michalski

PERSONAGENS:

JUAN MARIA GUZAMÓN HIGHIRTE

PABLO MARIZ

GRAZIELA

GENERAL PEREZ Y MEJIA

MANITO

GRISSA

MORALES

COBERTO 1 que também interpreta Estrangeiro

COBERTO 2 que também interpreta General Menandro

PAPA HIGHIRTE

(O CENÁRIO CONTERÁ, SIMULTANEAMENTE, OS DIVERSOS LOCAIS EM QUE SE PASSAM AS CENAS, INCLUSIVE AS DE FLASH-BACK. ESTA SIMULTANEIDADE OBRIGARÁ UMA CENA REALISTA NOS SEUS ELEMENTOS, MAS EXPRESSIVA DA TOTALIDADE NO SEU CONJUNTO. ABRE A CORTINA. MESA DE CAFÉ, PAPA HIGHIRTE, AO LADO DELA, FAZ GINÁSTICA, GRISSA, EMPREGADA, EM PÉ, ESPERA E OUVI.)

PAPA HIGHIRTE

— Um... Dois... *(Flexão de braços)* Um... Dois... Bravos... Um... Dois... Um... Dois..., bravos, Papa Highirte... *(Pára, um tempo, flexão de pernas)* Um... Dois... Um... *(Agachado)* Ah, as pernas, Grissa, as pernas são coisa dos comunistas... *(Levanta)*. Dois. *(Tempo)* Vamos ver, duvida que eu consiga mais uma vez, não é? Vamos ver. Um... *(Abaixa-se)*... Total concentração... *(Sobe com dificuldade)*... Dois *(Tempo)* Sou um Marvel, Grissa, um importante Marvel. Mais uma? Han? Um... *(Abaixa-se)* Vamos, Juan Maria Guzamón Highirte, espera-o a doce satisfação das missões cumpridas... Total concentração... *(Tempo)* Me ajude aqui... *(Grissa vai até ele. Ajuda-o a levantar-se. Papa faz fundos exercícios respiratórios. A luz muda de estalo. Branca, feroz. Só um foco de luz em Grissa. A luz dos flash-backs bruxoleia um pouco. Sempre que há um flash-back há um fundo musical, música típica latino-americana, toca baixo, quente).*

GRISSA

— Mas ele é tão menino, uma coisa, tão menino ria muito me lembro meu sobrinho ria muito é meu sobrinho, Papa, me lembro é tão menino Manito por que ficou Manito, Hermano Manito.

(A LUZ REVERTE. PAPA ESTÁ SENTADO À MESA. MASTIGA O PÃO. COSPE-O.)

PAPA HIGHIRTE

— O pão deste país é horrível ah o pão dos latino-americanos, pão de gente que não é amada... O pão aqui em Montalva só serve para lembrar da minha Alhambra, ao menos em Alhambra eu fiz uma lei — obrigatório sessenta por cento de farinha de trigo no pão, decreto oito mil e treze, setembro, mil novecentos e sessenta e três, revogadas as disposições em contrário... Aqui em Montalva só me resta cuspir o pão...

(COSPE OS PEDAÇOS METODICAMENTE, LONGA PAUSA) E VOCÊ ME ODEIA NÃO É GRISSA? (REVERSÃO DE LUZ. AGORA SÓ EM PAPA. A MESMA MÚSICA. PAPA ANDA DE UM LADO PARA O OUTRO).

PAPA HIGHIRTE

— Não faria nada, nem que fosse filho meu, filho único.

GRISSA

— Ria muito, é meu sobrinho, Manito.

PAPA HIGHIRTE

— Não posso fazer nada, ele vai ser julgado, é a lei, a lei.

GRISSA

— Manito, Hermano, Manito, meu sobrinho.

PAPA HIGHIRTE

— Assaltaram o quartel da Terceira Divisão de Alhambra. *Reversão de luz. Papa sentado na mesma posição. Toma pulque.*

PAPA HIGHIRTE

— Não diga nada ao meu médico, você sempre me denuncia mas é testemunha que todos os dias faço um esforço de herói grego para tomar este café merencório. Tomo pulque. A culpa é do pão; quer conhecer um povo? Coma seu pão... Você não diz nada, mulher?

GRISSA

— O senhor gosta de falar, Papa...

PAPA HIGHIRTE

— Você não tuge nem muge, estou aqui nesta Montalva esta terra arrastada, há dois anos e meio no exílio, viúvo, vista fraca longe da minha Alhambra e você não tuge nem muge. Tomo pulque.

GRISSA

— Não quero.

PAPA HIGHIRTE

— ... Há quatro anos que eu lhe digo que a responsabilidade pela morte de seu sobrinho não foi minha, Grissa!

GRISSA

— ... Eu sei.

PAPA HIGHIRTE

— Ele fugiu da cadeia, foram os comunistas!

GRISSA

— ... Eu sei, Papa

PAPA HIGHIRTE

— Não, não acredita.

GRISSA

— Acredito.

PAPA HIGHIRTE

— Não acredita.

GRISSA

— Acredito, Papa, eu...

PAPA HIGHIRTE

— ... Não acredita, não acredita, basta ser uma autoridade para não ter crédito! Ninguém mais tem coragem de ser autoridade, este é o mundo de vocês, para vocês democracia é isso um vento, papa-ventos no mundo cada um faça o que quiser! E o nojo da autoridade por todo mundo, democracia não é uma aventura, não é pic-nic, não é o mundo dos adiantamentos, das desculpas, não é um baile das regalias, democracia é também uma procissão dos deveres, entendeu, Grissa? Você quando você vai entender vocês todos? *(Entra Morales)*.

MORALES

— Com licença, Papa?

(REVERSÃO DE LUZ. PEREZ Y MEJIA ESTÁ EM CENA. O FOCO CIRCUNSCREVE PEREZ Y MEJIA E PAPA HIGHIRTE. MÚSICA BAIXA. PERSONAGENS DOS FLASH-BACKS QUE NÃO PARTICIPAM DA AÇÃO ATUAL, USAM MAQUIAGENS QUE OS AFASTAM UM POUCO NO TEMPO.)

PAPA HIGHIRTE

— Não admito torturas no meu governo, Coronel Perez y Mejia!

PEREZ Y MEJIA

— O jornal Clarín é quem faz acusações, não há torturas, senhor Presidente.

PAPA HIGHIRTE

— Não preciso da tortura, me basta a lei, a lei forte, Coronel Perez y Mejia.

PEREZ Y MEJIA

— Estranha muito que o senhor dê ouvidos ao jornal Clarín, senhor Presidente.

PAPA HIGHIRTE

— Meu governo é de autoridade, não de violência, Coronel Perez y Mejia.

PEREZ Y MEJIA

— Estranha muito que o senhor dê ouvidos ao jornal, Clarín, senhor Presidente. Ele devia estar fechado.

PAPA HIGHIRTE

— Basta a vigilância, manter a subversão desorganizada, Coronel Perez y Mejia.

PEREZ Y MEJIA

— Estranha muito que o senhor...

PAPA HIGHIRTE

— Estranha muito que o senhor se dirija a mim nestes termos, Coronel Perez y Mejia.

(MUDA A LUZ. PEREZ Y MEJIA SOME. PAPA ABSORTO.)

MORALES

— Papa... Papa... *(Papa olha lento)* a senhorita Graziela está aí e...

PAPA HIGHIRTE

— ... Desista, Morales, você não é o responsável pela minha segurança aqui no exílio de

Montalva? Desista, desista de procurar nos aeroportos, nas estações, nos hotéis quem chega ou deixa de chegar, só chegam democratas... *(Longo silêncio)* Me desculpe Grissa, mas cada vez que eu penso que você vota, decide... Um voto prá você, um voto prá mim, não é Grissa... *(A Morales)* Mande Graziela entrar. *(Tempo longo)*.

MORALES

— Papa... É que há um problema de segurança justamente...

PAPA HIGHIRTE

— Mas já não disse que pode desistir, não acabei de dizer ou o quê? Eu preciso de segurança mas para o quê? O que fazem em Alhambra para que eu possa voltar? O que fazem em Alhambra desde que me tiraram do poder e subiu Camacho? Lá está Camacho o poderoso Camacho e eu pergunto o que fazem agora naquela terra a não ser ouvir outra vez os gritos dos mineiros e os berros dos estudantes? “São problemas sociais, Papa, problemas sociais, graves problemas sociais” que a subversão inventa, as greves tiradas de seus chapéus de mágicos, “democracia, Papa, é necessário democracia, a nossa experiência não deu certo, Papa, democracia, todos podem falar” mesmo que sejam as trombetas do inferno, “todos podem se organizar” mesmo que sejam as falanges do Apocalipse, “democracia! democracia Papa” lá estão os políticos outra vez emendando orçamento, e a subversão toca seu canto de sereia “somos um país rico, por que não podemos ser iguais aos outros? Somos ricos!” E as pessoas se atropelam, se estalfam, se iludem, se envaidecem e correm e se pisam ah meu povo de Alhambra ah povo de minha imensa e morena Alhambra está sendo varrida pela incompetência, pelo descuido humano! E o que fazem vocês meus generais sentados nos quartéis escovando lombo de cavalo foi para isso que vocês juraram a bandeira? Alhambra está sendo desfigurada e assaltada à luz do dia. General Guardia, Robales, meu amigo Robales, meu irmão de sangue Losomena, Menandro, meu querido, meu querido General Menandro... *(Reverte a luz. Perez y Mejia novamente em cena. Perez y Mejia é intenso. Papa olha um ponto fixo. Não responde diretamente a ele)*.

PEREZ Y MEJIA

— Um partido único, Papa Highirte, é preciso um partido único. Não é só opinião minha, somos mais de quarenta oficiais.

PAPA HIGHIRTE

— Acabei com a subversão no país, General Perez y Mejia.

PEREZ Y MEJIA

— Não é possível admitir oposição ao governo. Admitir eleições é admitir que podemos estar errados, mesmo que sejam eleições só para deputados, é admitir alternativas.

PAPA HIGHIRTE

— Meu governo é uma escola, não um quartel, General Perez y Mejia.

PEREZ Y MEJIA

— Permitir eleições é não permitir a planificação, é ficar ao sabor dos acontecimentos, é permitir a demagogia, as grandes palavras, as pessoas que se eximem, muito som, Papa muito som, é preciso censura prévia aos jornais, é preciso...

PAPA HIGHIRTE

— É preciso distinguir oposição e subversão, General Perez y Mejia.

PEREZ Y MEJIA

— Com eleições some o interesse nacional, só existem interesses pessoais e todos esperam que as coisas mudem e não se comprometem e todos precisam saber que não vai haver mudança, que viemos para deixar nossa marca no lombo da história deste país, a fogo se for preciso.

PAPA HIGHIRTE

— Alhambra é um país, não é uma máquina, General Perez y Mejia.

PEREZ Y MEJIA

— Estamos arriscando nossas vidas, não podemos dividir o poder.

PAPA HIGHIRTE

— O povo de Alhambra gosta de mim, Alhambra gosta de mim, General Perez y Mejia.

PEREZ Y MEJIA

— As pessoas não se movem, o povo negaceia, é preciso criar tensão, muita tensão.

PAPA HIGHIRTE

— Nosso povo é orgulhoso, demora para reconhecer que está errado. Mas ele vai ver nossas estatísticas, nossos planos.

PEREZ Y MEJIA

— Os planos ficam na sua mesa, Papa Highirte; as estatísticas que lhe mostram são falsas, Papa. O país está parado, negaceia, negaceia.

PAPA HIGHIRTE

— Recebi mais de duas mil cartas no dia de meu aniversário.

PEREZ Y MEJIA

— Exigimos que o senhor feche o jornal Clarín.

PAPA HIGHIRTE

— O jornal Clarín não infringiu a lei de imprensa.

PEREZ Y MEJIA

— Mas publica com destaque tudo que não interessa ao governo.

PAPA HIGHIRTE

— Não admito imposições ao meu governo, General Perez y Mejia.

PEREZ Y MEJIA

— Nós também somos o seu governo, Papa Highirte.

(MUDA A LUZ. PAPA SENTADO. ARRASADO. LONGO SILÊNCIO. BEBE PULQUE.)

PAPA HIGHIRTE

— Pulque... o bom pulque... fui eu quem salvou o pulque... os alambiqueiros iam falir, fiz o decreto 18.937 de janeiro de mil e novecentos e sessenta e um, isentando os impostos, salvei o pulque... Perez y Mejia, o ilustre General Perez y Mejia promovido por mim que exigia mão de ferro é o atual ministro da Guerra de Camacho... Perez y Mejia agora é o campeão da democracia... Vendeu-se por manchetes na página... *(Longo silêncio)* Cuide de mim, Morales, qual é o problema de segurança, cuide de mim... *(Reversão de luz. Papa sentado. Grissa faz sua barba Penteia-lhe o cabelo)* Morales... Morales... Cuide de mim aqui, Morales! Morales! *(Morales aparece na luz)* Onde está essa flor chefe do cerimonial?

MORALES

— Já mandei chamá-lo, Papa, ele está...

PAPA HIGHIRTE

— Quero que ele me explique de novo como é o protocolo da recepção ao rei da Noruega.

MORALES

— Sim, senhor.

PAPA HIGHIRTE

— Quero saber como se diz bom-dia em norueguês.

MORALES

— Sim, senhor. *(Vai sair)*

PAPA HIGHIRTE

— Morales *(Entrega papéis)* leve essa papelada. Vou cobrar a dívida do Clarín na Previdência Social.

MORALES

— Do Clarín, senhor...?

PAPA HIGHIRTE *(Á Grissa que lhe faz a barba)*

— Cuidado, Grissa, cuidado.

MORALES

— Papa, o senhor ontem declarou que não havia nada contra o Clarín.

PAPA HIGHIRTE

— Além de cuidar da minha segurança você agora também cuida de política?

MORALES

— Perdão, Papa.

PAPA HIGHIRTE

— Tenho que manter a unidade dos que me apoiam, são mais de quarenta oficiais, gente explosiva, mas honesta, preciso deles... Servem para assustar um pouco, estou gordo, rio muito, é preciso que eles fiquem por perto do meu governo senão o povo logo quer tomar intimidades... É preciso ainda aparecer com um buldogue na corrente... *(Morales sai)* Veja que a senhora do Ministro da Fazenda fique sentada à minha direita... Quero uma loção, Grissa... Seca, discreta, fragrante. *(A luz muda, todos na posição anterior)*. Cuide de mim, Morales, qual é o problema de segurança, cuide de mim...

MORALES

— A senhorita Graziela sabia que nós despedimos o chofer...

PAPA HIGHIRTE

— Claro, de dois em dois meses nós despedimos todos os empregados, e daí?

MORALES

— Bem, a senhorita Graziela trouxe um homem candidato ao emprego.

PAPA HIGHIRTE

— Quem? O quê? Onde ele está?

MORALES

— ... Aí fora com...

PAPA HIGHIRTE

— ... É daqui de Montalva?

MORALES

— ... Não sei, senhor, eu...

PAPA HIGHIRTE

— ... É de Alhambra, então?

MORALES

— ... Não sei, eu....

PAPA HIGHIRTE

— ... Esta sua mania imbecil de despedir gente cada dois meses...

MORALES

— ... Papa!

PAPA HIGHIRTE

— ... E por que essa demora em arranjar outro?

MORALES

— ... É preciso cuidado, Papa!

PAPA HIGHIRTE

— ... Ele é daqui de Montalva?

MORALES

— ... Não sei, Papa

PAPA HIGHIRTE

— ... Então é de Alhambra? Hein, de Alhambra?

MORALES

— ... Papa, Papa!

PAPA HIGHIRTE

— Como Graziela encontrou com ele? *(Silêncio)* Você tem mais dois homens à sua disposição e não sabe com quem Graziela se encontra?

MORALES

—... Vou dizer à senhorita Graziela que é impossível, que o senhor não está, que já arranjam gente e...

PAPA HIGHIRTE

— ... Não, não, espere, um momento, que é isso? Como assim? Um momento, Morales, ora! ... Pode ser uma pessoa de confiança, Graziela é minha amiga, tem amigos necessitados... Se puder eu ajudo, fui sempre assim...

MORALES

— ... Papa

PAPA HIGHIRTE

— ... Assinei o decreto de taxa de insalubridade para a mineria, o 15.913 de vinte e dois de agosto de 1962... Não sou um coelho, não posso mandar as pessoas embora assim... Graziela é uma menina que quero bem... Sou Papa Highirte não sou um coelho, calma Morales, que é isso, calma por que, ficar assim aflito como uma velha de chinelos, ora!... *(Pausa)* Será que ele é de Alhambra?...

MORALES

— ... Não sei, Papa

PAPA HIGHIRTE

— ... Vou falar com ela sozinho, Morales, examine o sujeito. Saia, Grissa. *(Grissa sai. Morales, tempo, sai. Papa tira uma pistola do bolso de seu robe. Examina o tambor)* Deus meu, que destino... Trancado aqui em Montalva, sabendo de meu país pelo telefone... Juan Maria Guzamón Papa Highirte. seis anos chefe de Alhambra, preocupado com um miserável que quer ser meu chofer... *(Graziela entra por trás dele, pé ante pé. A luz abre intensa em Pablo Mariz. Música alta. Graziela vem vindo pé ante pé).*

MARIZ

— ... Vou comprar uma pistola de oito tiros e vou matar você Papa Highirte, juro, devagar, vou matar você Highirte, minha vida agora é só prá matar você...

(NO MOMENTO EM QUE GRAZIELA POR TRÁS DE PAPA, BRINCANDO, VENDA-LHE OS OLHOS COM AS MÃOS, A LUZ EM MARIZ SOME. PÁRA MÚSICA. PAPA TOMA UM SUSTO MORTAL COM A BRINCADEIRA DE GRAZIELA).

PAPA HIGHIRTE

— Que é isso? Que é isso? *(Afasta-se correndo. Atrás da mesa. Revólver na mão. Pálido, determinado. Graziela se assusta também)*

GRAZIELA

— Papa, que foi?... Eu... *(Um tempo. Papa pálido. Ofegante, Graziela começa a rir)*

PAPA HIGHIRTE

— Está bem, Graziela, chega... Está bem, Graziela... Graziela, meu amor, está bem, chega. Chega, Graziela. *(Graziela ri. Ele vai até ela, em fúria, dá-lhe uma forte bofetada. Tempo, Graziela parada, aturdida. Tempo, Graziela vai se sentar á mesa. Lentamente põe café. Tempo)*... Também não precisa ficar assim... Foi um tapa de leve, um, foi um tapa não foi soco, um ora... *(Tempo)* Quem é esse homem?

GRAZIELA

— ...É o Pablo.

PAPA HIGHIRTE

— Pablo, Pablo, Pablo...

GRAZIELA

— Trabalha lá na “boite” como garçom, é amigo meu, não tem dinheiro, ele sabe guiar, eu pensei...

PAPA HIGHIRTE

— Você conhece ele há muito tempo?

GRAZIELA

— Três meses, ele chegou há uns...

PAPA HIGHIRTE

— ... Não é daqui de Montalva?...

GRAZIELA

— ... Não é de

PAPA HIGHIRTE

— É de Alhambra, não é? É de Alhambra, você trouxe aqui um sujeito de Alhambra, não é menina?

GRAZIELA

— Zacapa — Ele é de Zacapa.

PAPA HIGHIRTE

— Sei. *(Tempo)* Como é que você traz aqui uma pessoa assim que conheceu assim e que sem mais nem menos se Morales não estivesse aqui entrava assim na minha sala?

GRAZIELA

— ... Desculpe

PAPA HIGHIRTE

— ... Porque eu sou visado, todo estadista é visado, não se lembra de Lincoln, de Gandhi, de Júlio César? Não posso receber ninguém assim sou um estadista e...

GRAZIELA *(Levanta e vai saindo)*

— Vou dizer prá ele ir embora Papa pronto vou dizer prá ele que você é estadista e... *(Papa corre atrás dela)*.

PAPA HIGHIRTE

— Que é isso? Como se fala assim? Que dengues, assim? Não admito. Quem é você? Ou fui eu o primeiro homem que lhe deu um tapa na cara hein prostitutazinha? *(Novo longo silêncio)* Ele é daqui de Montalva?

GRAZIELA

— Não, Papa, é...

PAPA HIGHIRTE

— De Alhambra? É de Alhambra?

GRAZIELA

— De Zacapa...

PAPA HIGHIRTE

— Zacapa. Fiz um acordo comercial com Zacapa em 1964, tive uma bela recepção lá. O céu mais bonito da América Latina o de Zacapa... Como são as idéias dele? Fala muito de política...

GRAZIELA

— É calado.

PAPA HIGHIRTE

— Viu? Não lhe disse, calado... *(Longa pausa)* Muito calado? *(Graziela não responde)* Vamos ver... Vamos ver, minha menina, eu ajudo os emigrantes... Fiz o decreto 13.452... Hein? *(Chama)* Morales *(Mondes vem)* Traga o rapaz.

MORALES

— ... Senhor

PAPA HIGHIRTE

— Morales, parece uma velha de chinelo. Traga o rapaz. *(Mondes sai)* Hein?... Viu? Eu ajudo... Hein? *(Graziela sorri Papa vai até ela)* Machucou seu rosto, minha menina? *(Beija o rosto de Graziela. Pablo Mariz entra. Pequena mala na mão, Mondes atrás dele, vigilante. Papa ainda beija Graziela. Vê Mariz. Um tempo. Vai para trás de Graziela. Põe a mão no bolso. Tempo longo)* Me conhece?

MARIZ

— De nome, senhor.

PAPA HIGHIRTE

— Papa Highirte é um nome conhecido. Lembra o quê?

MORALES

— Ele não conhece e...

PAPA HIGHIRTE

— Ele responde, Morales.

(FOCO DE LUZ NO FUNDO DO PALCO. DOIS SUJEITOS, CAIXA DE PAPELÃO NA CABEÇA COM DOIS FUIROS PARA OS OLHOS. BOTAS. CAMISETAS BRANCAS. OS DOIS TORTURAM UM RAPAZ DE COSTAS. TORCEM SEU BRAÇO. FORÇAM SUA CABEÇA PARA BAIXO. O FIGURANTE É PABLO MARIZ EM FLASH-BACK. TEM A SUA ESTATURA, SEU ASPECTO FÍSICO — A CENA NA FRENTE FICA ESTÁTICA.)

COBERTO 1

— Responde!

COBERTO 2

— Responde!

COBERTO 1

— Responde comunista, responde comunista!

COBERTO 2

— Responde comunista, responde!

(A LUZ SAI OS TRÊS DESAPARECEM.)

PAPA HIGHIRTE

— Ele responde, Morales.

MARIZ

— Não acompanho muito a política, senhor...

PAPA HIGHIRTE

— Como é o nome dele?

MORALES

— Pablo Mariz.

PAPA HIGHIRTE

— Mariz. Nome rápido. Mariz. Dê o uniforme a ele, mostre-lhe o quarto, os carros...

(Morales não se mexe) Não ouviu? *(Morales, contrafeito Um tempo)*

MORALES *(A Mariz)*

— Por aqui. *(Mariz faz um cumprimento de cabeça. Sai. Atrás de Morales).*

PAPA HIGHIRTE

— Mariz. *(Param)* Com cuidado. Guie com cuidado. *(Saem)* — *(Tempo longo)* É. Você tem bom gosto, menina...

GRAZIELA

— Que é isso, Papa, eu não...

PAPA HIGHIRTE

— Tenho vinte séculos, menina, completos em marco, não pense que me engana... É justo. Eu preciso de ajuda mesmo para amar você... *(Senta-se Bate nas pernas. Graziela senta-se no colo dele).* Agora beijos. Beijos. *(Graziela sorri. Encosta-se nele. Beija-o)* Por que não veio ontem?

GRAZIELA

— . . . Assim ... Não vim ... fiquei assim.

PAPA HIGHIRTE

— ... Boa explicação, menina, boa explicação... *(Riem. Ficam abraçados. Muda a luz. Papa continua com Graziela no colo enquanto contracena Perez y Mejia em cena. Dois homens (feitos pelos que fazem também os cobertos) em roupas civis. O rosto coberto por véu negro. Os dois mais atrás e Perez y Mejia formam uma comissão)*

PEREZ Y MEJIA

— O país está paralisado, Generalíssimo Highirte.

PAPA HIGHIRTE

— Vou resistir. Vou resistir.

PEREZ Y MEJIA

— Os planos não se cumprem. São mudados a cada dia.

PAPA HIGHIRTE

— Resistir. Resistir.

PEREZ Y MEJIA

— Vamos promover eleições gerais e diretas, Generalíssimo Highirte.

PAPA HIGHIRTE

— À bala. Só saio daqui à bala.

PEREZ Y MEJIA

— Exigimos vossa imediata renúncia, Generalíssimo Highirte.

PAPA HIGHIRTE

— À bala. À bala.

PEREZ Y MEJIA

— Vamos restabelecer a democracia em Alhambra.

PAPA HIGHIRTE

— Quem é o senhor para falar em democracia?

PEREZ Y MEJIA

— Imediata renúncia.

PAPA HIGHIRTE

— As estatísticas. Vejam as estatísticas.

PEREZ Y MEJIA

— Eleições gerais e diretas.

PAPA HIGHIRTE

— Nada se faz da noite para o dia.

PEREZ Y MEJIA

— Desemprego, estagnação. subemprego.

PAPA HIGHIRTE

— Como se diz bom-dia em norueguês?

PEREZ Y MEJIA

— Gerais e diretas, Generalíssimo.

PAPA HIGHIRTE

— A senhora do Ministro da Fazenda à direita.

PEREZ Y MEJIA

— Imediata renúncia.

PAPA HIGHIRTE

— À bala. À baia.

(MUDA A LUZ. GRAZIELA CONTINUA ABRAÇADA CM PAPE PAPA FAZ CÓCEGAS NELA. ELA RI. SE RETORCE. A LUZ VAI SUMINDO NELES. ABRE LENTA EM OUTRO AMBIENTE. ESTÃO MARIZ E MORALES. MORALES LHE ENTREGA COISAS.)

MORALES

— Este é o seu quarto. O horário de Papa Highirte. Dirija sempre com as duas mãos no volante, respeite todas as sinalizações, mesmo as estúpidas, não ultrapasse nunca quarenta quilômetros horários, vidros fechados. Os canos estão no pátio. Preencha este formulário com todos os dados sobre você... A empregada vem trazer o uniforme. *(Sai. Tempo. Mariz senta na carne Põe a mala sobre ela. A luz em Papa e Graziela abre um pouco de novo. Papa passa a mão nas coxas de Graziela. Mariz acende um cigarro. Fuma. Não olha para lugar nenhum. Tempo longo. Papa já desapareceu. Os homens cobertos vêm do fundo do palco. A música toca alta. Pegam Mariz. A mesma posição de tortura vista anteriormente. Mariz sofre a tortura. Não grita. Não diz nada)*

COBERTO 1

— Entrega. Entrega.

COBERTO 2

— O nome deles todos.

COBERTO 1

— O nome deles todos.

COBERTO 2

— Entrega. Entrega.

COBERTO 1

— O nome. Um por um o nome.

COBERTO 2

— Um por um o nome um por um.

(GRISSA ENTRA — OS DOIS COBERTOS PARAM A TORTURA. FICAM AO LADO DE MARIZ QUE FUMA, OLHO PERDIDO. GRISSA TRAZ DOIS OU TRÊS UNIFORMES. CHAPÉUS DE CHOFER, BOTAS. GRISSA FALA, MARIZ RESPONDE DE VEZ EM QUANDO. OS DOIS COBERTOS CONTINUAM AO LADO DELE.)

GRISSA

— ... Vim trazer o uniforme, o senhor é alto, acho que este...

COBERTO 1

— ... Vou ficar com você até você entregar, não adianta.

COBERTO 2

— ... Sabe? Sou pago prá ficar com você, não adianta.

COBERTO 1

— ... Até você entregar, não adianta.

(MARIZ LEVANTE GRISSA LHE ESTENDE UM UNIFORME)

COBERTO 2

— Tira a roupa, comunista.

COBERTO 1

— Tira a roupa, comunista, *(Mariz tira o paletó. Experimenta o que Grissa lhe estende Os dois cobertos o derrubam com socos)*

COBERTO 2

— Bate em baixo que não fica marca.

COBERTO 1

— Bate em baixo que não fica marca.

GRISSA

— ... *(Durante a fala, Mariz se levanta)* O senhor está entrando, estou querendo sair é só juntar um pouco mais de dinheiro, tenho uns parentes longe lá em Alhambra, minha irmã não, que essa morreu de desgosto que o filho apareceu morto, o Manito, tanto que eu pedi por Manito... Olha a bota.

MARIZ

— ... Manito...? *(Tira o sapato Experimenta a bota sentado).*

COBERTO 1

— Tira o sapato, comunista.

COBERTO 2

— Tira o sapato, comunista. *(Sentam-se com ele. Batem-lhe no estômago)*

COBERTO 1

— Fala. Fala.

COBERTO 2

— Em baixo que não deixa marca.

COBERTO 1

— Fala.

GRISSA

— ... *(Retoma sua fala depois de arrumar coisas)* Manito, é... Apareceu num rio com a mão amarrada nas costas.

COBERTO 1

— Fala, fala que não deixa marca.

COBERTO 2

— Sou pago prá não deixar marca.

COBERTO 1

— Fala que não deixa marca.

GRISSA

— ... A mãe do Manito sofreu de desgosto a minha irmã, vou embora, é só ter dinheiro, Papa é muito bom mas tem muito capricho, o senhor vai ver logo... Papa não dorme, acorda a gente, quer que a gente beba... O uniforme qualquer coisa eu aperto um pouco ou alargo, o senhor (Sai).

(MARIZ SENTADO NA CAMA. OS DOIS COBERTOS NOVAMENTE DOBRAM SEU BRAÇO, FORÇAM SUA CABEÇA.)

COBERTO 1

— Onde eles estão? Fala. Fala.

COBERTO 2

— Fala. Fala.

COBERTO 1

— Fala. Fala. *(Um tempo. Deixam Mariz, somem no fundo. Mariz, tempo. Fuma o cigarro que conservou, fuma lento. A música pára. Mariz, lento, abre sua mala. De um fundo falso tira as peças de uma pistola. Arma. Olha. Volta a desarmá-la. Guardai Volta a ficar parado, olhando nada. A luz muda de estado. Música forte, altíssima. Manito explode dentro de cena. Sua figura é terrível, machucado, molhado, os cabelos escorridos, as mãos amarradas atrás das costas)*

MANITO

— Tem de fazer, Diego, tem de fazer, a gente é feito archote!

MARIZ

— Não faz, Manito, não faz, não confunde teu desespero nas coisas!

MANITO

— Tem de fazer, Diego, feito archote, acender o rastilho!

MARIZ

— Ir sozinho é fácil, difícil é trazer os outros.

MANITO

— Começa, começa que os outros vêm. Diz o primeiro não.

MARIZ

— Não confunde teu desespero nas coisas.

MANITO

— O primeiro não, Diego, o rastilho.

(GRAZIELA ENTRA. COM A SUA FALA A LUZ MUDA. MÚSICA PÁRA. MANITO SOME.)

GRAZIELA

— Como é? Foi tudo bem...? *(Um tempo longo. Mariz não responde)* Ei... *(Mariz quieto. Graziela vem até ele. Põe a mão no seu cabelo)* Por que é que você nunca ouve... *(Mariz calado)* Que é isso no seu rosto, essa marca?... *(Silêncio)* Tão comunicativo... *(Mariz sorri)* Por que é que você saiu da sua terra, foi mulher, é...? é bom a gente falar, fala... O Morales te perguntou muita coisa? *(Mariz faz que sim)* Papa diz que ele descobre tudo de todos... O que é que ele perguntou?

MARIZ

— Não é bom você ficar aqui.

GRAZIELA

— Só um pouco, Papa agora está telefonando, passa os dias pendurado no telefone, vou embora. O que é que o Morales perguntou? Onde você trabalhou em Zacapa, endereços para informação e tudo isso, não é? Ele também me perguntou, respondi tudo errado de propósito, Papa ficou furo... Papa sabe que eu tenho alguma coisa com você... Ele não se importa, antes de você eu tinha um sujeito. Papa arranjou até pra ele ser salva-vida aqui em Montalva, ele ficava conversando com mulher na praia, um dia um sujeito se afogou, Papa ficou furo... *(Pausa)* Você não ouve o que eu falo pensa que eu sou o que, hein? Só por que eu preciso de companhia? Você precisa mais! *(Longa pausa)* Olha o uniforme... Você vai me buscar nesse uniforme, quero até ver... Que marca é essa na tua cara, fala. *(Pausa)* Você é tão desamparado, isso é ruim, me liga muito... Me sinto

Virgem Maria. *(Mariz pega Graziela. Beija-a fone. No fundo do palco a luz bruxo leia. Os dois cobertos com fios nas mãos. A música distorce na hora dos gritos)*

COBERTO 1

— Quinze dias com você, comunista, não dá.

COBERTO 2

— Tenho mais o que fazer, tem sol lá fora.

COBERTO 1

— Fala, fala que não deixa marca.

COBERTO 2

— Fala, fala que tem sol lá fora.

COBERTO 1

— Já tomou choque elétrico, comunista? *(A música distorce)*

COBERTO 2

— Dá choque nele. Dá choque nele. *(A música distorce)*

(OUTRO FOCO DE LUZ EM PAPA. LENÇOL DE BARBEIRO EM VOLTA DO COMO. GRISSA FAZ-LHE AS UNHAS. MARIZ E GRAZIELA CONTINUAM SE BEIJANDO.)

PAPA HIGHIRTE

— Morales! Morales! Onde está essa flor chefe do cerimonial? Quero saber como se diz bom-dia em norueguês!

COBERTO 1

— Fala que tem sol lá fora!

COBERTO 2

— Fala que tem sol lá fora!

PAPA HIGHIRTE

— A mulher do ministro da Fazenda à minha direita.

COBERTO 1

— Dá choque nele.

COBERTO 2

— Dá choque nele. *(Pára tudo de estalo. Somem todos)*

MARIZ

— ... Melhor você ir embora... *(Longo tempo)*

GRAZIELA — *(Longo tempo)*

— Você é meio paranóico.. Paranóico parece vendedor de guarda-chuvas, não parece?

MARIZ

— Vai embora, vai.

GRAZIELA

— Olha, a gente se encontra no apartamento da Dolores, não pode dar muito na vista que Papa Highirte não se importa mas não pode dar muito na vista, você me telefona quando tiver folga e eu te encontro no apartamento da Dolores... *(Pausa)* Eu sou bonita? *(Tempo)* Você precisa mais de mim do que eu de você não se faz assim de... Vendedor de guarda-chuva... *(Sai. Mariz fica um imenso tempo parado. Abre de novo a mala. Monta as peças do revólver. Fica com ele nas mãos. Aponta. Música abre em Papa Highirte no telefone. Morales ao seu lado. Mariz sentado)*

PAPA HIGHIRTE

— Não consigo entender, Menandro... Estas ligações internacionais são péssimas... Eu disse péssimas!... Como?... Ah que la puta! *(Mariz se levanta, música tensa, baixíssima)* Camacho conseguiu mais um empréstimo no estrangeiro, Morales. *(No telefone)* Camacho então está seguro?... *(Mariz, revólver no bolso. Sai de cena)* Os sindicatos quê? Uma central sindical para assuntos políticos? Mas é preciso fazer alguma coisa General Menandro, Menandro de Deus! Eles vão tomar o poder, você também vai vir para o exílio, todos vocês, os que escaparem dos fuzilamentos! *(Mariz aparece no fundo do palco. Longe. Tenso. Pálido)* Inclusive Perez y Mejia! Como vai esse bastardo? Ainda apóia Camacho, não é, está ficando rico, os ministros de Camacho

ficam sempre ricos!... *(Mariz tira o revólver. Não chega a apontar)*... Vou tentar, vou tentar, conseguir mais dinheiro... Faça uma campanha entre os oficiais, mostre o que está acontecendo, distribua boletins nos quartéis... É preciso fazer tudo de novo... Os donos de jornal, fale com eles em meu nome... Venha até aqui conversar comigo. O quê? *(Ouve um pouco. Desliga)*... “Muito difícil, Papa, a situação é muito difícil”...

MORALES

— É preciso confiar em Deus, Papa *(Longa pausa)*

PAPA HIGHIRTE

— ... E quem pode saber de que lado Deus está...? Vamos *(Fica em posição)* Vamos, Morales. *(Mondes também fica em posição. Começam a fazer ginástica. Flexão de pernas)*

MORALES

— Um... Dois... Mais apoio no calcanhar, Papa... Um... Dois... *(A música sobe mais. Mariz um tempo. Vira-se de costas para os dois. Fica. Volta-se. Revólver apontado. Um tempo. Sai. Os dois fazem ginástica. Mariz aparece no seu quarto. Cai na cama. Longo tempo. A imagem de Papa e Morales fazendo ginástica some).*

MARIZ

— Meu Deus... Eu preciso conseguir... Preciso...

(FICA ALI. A FIGURA DE MANITO NOVAMENTE INVADE O PALCO)

MARIZ

— Estou fora, estou fora disso, Manito.

MANITO

— ... Como fora? Você já reuniu, conhece os planos, como fora?

MARIZ

— . . . Fora, estou fora...

MANITO

— . . . E a nossa segurança? ...

MARIZ

— . . . Fora, pelo amor de Deus, fora...

MANITO

— ... Como fora? E a nossa segurança, Diego? Como...

MARIZ

— . . . Não estou de acordo, entende? Não concordo, não...

MANITO

— ... Você já reuniu, companheiro, conhece os planos como fora?

MARIZ

— ... Ficou combinado que a gente ia ver se era possível...

MANITO

— ... É possível, é só ter gana, o que falta nesse país é a gana.

MARIZ

—... Não dá, tem jornal aberto, tem oposição no Congresso ...

MANITO

— . . . Jornal? Fecharam o Clarín, o Congresso diz o quê? Salário congelado...

MARIZ

— ... A gente está desorganizado, o mundo ainda é deles, não dá prá ir prá decisão com Papa Highirte.

MANITO

— Dá. Dá. A gente começa, começam na cidade de Abolición, em Cruz de los Muertos, Alvorado..

MARIZ

— . . . Ninguém vai se levantar, Manito, estou fora ...

MANITO

— . . . Não pode sair fora, nada disso!

MARIZ

— . . . Você quer ser herói eu quero fazer a revolução ...

MANITO

— . . . Você conhece alguma revolução sem herói?

MARIZ

— . . . Todas, tiveram líder, nenhuma teve herói...

MANITO

— . . . Jogo de palavra, você também agora jogo de palavra?

(MUDA A LUZ. NA SALA DE PAPA. PAPA MAIS O ESTRANGEIRO E O GENERAL MENANDRO QUE SERVE DE INTÉRPRETE TAMBÉM. ESTES DOIS PERSONAGENS & 'IO INTERPRETADOS PELOS ATORES QUE FAZEM OS PAPÉIS DE "COBERTOS" MORALES, SENTADO A UM CANTO, LÊ UMA REVISTA DE MULHERES NUAS.)

PAPA HIGHIRTE

— Pergunte a ele por que o empréstimo? Why, Why the...

MENANDRO

— Why the loan to Camacho?

PAPA HIGHIRTE

— Vocês não vêem que Camacho vai cair na mão dos comunistas? Comunistas, Wilhiam, comunistas!

ESTRANGEIRO

— Yes, Papa, yes, it's terrible, the situation in my country is very very confusing.

MENANDRO

— A situação no país dele...

PAPA HIGHIRTE

— Sei, sei, diga a ele que ele foi embaixador quando eu era Presidente, ele conhece a América Latina, you know Latin America, Wilhiam, ele precisa lutar por nós!

MENANDRO

— You must...

PAPA HIGHIRTE

— ... Com esse empréstimo vocês salvaram Camacho; diga a ele que nós estamos tentando articular a minha volta há mais de ano e sempre aparece um empréstimo que Camacho distribui...

MENANDRO

— He says...

PAPA HIGHIRTE

— Let me talk! Camacho distribuiu o dinheiro em leilão no Banco Central como se dá milho a galinha, cheek, cheek, like that Wihiam, like that! Diga a ele quantas empresas já apareceram desde que Camacho subiu ao poder...

MENANDRO

— Three thousands of corporations appeared since Cama-cho...

PAPA HIGHIRTE

— Trezentos e vinte projetos apresentados no Ministério da Indústria, trezentos e oito aprovados! Trezentos e oito — nem cabem em Alhambra — fábricas com cinco máquinas antigas, lojas com dois balcões, e agências imobiliárias e agências de financiamento, sabão em pó, fábricas de sabão em pó, diga a ele...

MENANDRO

— Não sei dizer sabão em pó. Papa...

PAPA HIGHIRTE

— ... Whe must do something, William, for God! Lá estão as fabriquetas, funcionam dois meses e inflacionam tudo e quem é que quer ficar na agricultura? Quem quer ficar trabalhando enterrado no fundo de uma mina?

MENANDRO

— . . . the inflations very where...

PAPA HIGHIRTE

— ... Vão todos para a cidade, claro, everybody goes to cities, berrar, berrar, Menandro...

MENANDRO

— Scream! Scream!

PAPA HIGHIRTE

— Queremos isso queremos aquilo, we want, we want, we want, os sindicatos tomados pelos comunistas; passei seis anos no governo de Alhambra para acabar com isso ...

MENANDRO

— Ele não é o responsável, Papa, ele viajou só para conversar conosco...

PAPA HIGHIRTE

— Usted es un mierda, understand, un mierda!

ESTRANGEIRO

— I don't understand.

PAPA HIGHIRTE

— Mierdito. Mierdito.

MENANDRO

— Vamos Papa.

PAPA HIGHIRTE

— Say something, mierdito, come on..

ESTRANGEIRO

— The Congress, the people, everybody demands we only lend money to democratic governments.

MENANDRO

— O congresso e o povo exigem que o país dele só dê empréstimos a governos democráticos...

PAPA HIGHIRTE

— You are lying, William, you are...

ESTRANGEIRO

— Come on, Papa, come

PAPA HIGHIRTE

— Mentira, vocês deram empréstimos a Figueres, and Figueres from Casablanca? Han? And Romayo from Toluca? Han? Vocês querem manter Camacho no poder para mostrar ao mundo que também ajudam governos contra vocês por causa da situação na Ásia — because Asiatic situation...

ESTRANGEIRO

— I don't know Papa my country is upside down...

MENANDRO

— O país dele está de cabeça pra baixo.

PAPA HIGHIRTE

— . . .Do something, do something!

ESTRANGEIRO

— I'm tiyng, what are you doing in Alhambra?

MENANDRO

— Ele está tentando, quer saber o que nós temos feito?

PAPA HIGHIRTE

— Mierda de hombre, we are working, we are.

ESTRANGEIRO

— I only see Perez y Mejia, only Perez y Mejia and instant coffee industries!

MENANDRO

— Ele só vê Perez y Mejia e indústrias de café solúvel.

ESTRANGEIRO

— Perez y Mejia has all the army with him.

MENANDRO

— Perez y Mejia tem todo o exército na mão.

PAPA HIGHIRTE

— Cuerno, usted es un cuerno! O exército ficará comigo, will be whit me, whit me and Menandro... Estou vendendo tudo que tenho para voltar... Alhambra precisa de mim.. . Needs me ... needs me...

ESTRANGEIRO

— I haven't managed yet to get my government to invite you to make lectures in my country...

MENANDRO *(Depois de pausa)*

—Até agora ele não conseguiu que o governo dele convidasse você para ir fazer conferências nas universidades do país dele...

PAPA HIGHIRTE

—... Isso era muito importante.. . Me daria cobertura... Cover me ... *(Nova longa pausa)*... É difícil a gente se convencer que nós somos a retaguarda de vocês. . . Temos sangue grosso nas veias, velhos orgulhosos... Mas nos convencemos... Ai, vem vocês, ajudam Camacho... *(Fecha os olhos fica solto na cadeira. Toca uma campainha. Um tempo longo. Mariz entra)* Meu chofer leva você até o hotel, Wihiam. ..*(Papa não faz um movimento)* Good bye.

ESTRANGEIRO

— Good bye, Papa.

MENANDRO

— Animo, Papa... Volto para Alhambra, amanhã mesmo telefone. . . Conte comigo sempre, Papa, sempre...

PAPA HIGHIRTE

— Vá também, Morales. Esse menino começou a trabalhar hoje. *(Saem. Papa não se mexeu)* Morales. Me dê o pulque *(Mordes volta. Trás a garrafa)* Não diga nada ao meu médico.. . Na volta passe no mercado e compre tamales... *(Saem. Papa bebe longos goles pelo gargalo)* Queima, pulque... Queima, incendeia... Estão todos assim, pulque... Incendiados. . . *(Bebe. Longa pausa. Semicantarola)*

A noite chegou, meu amor

E eu não tenho certezas,

E o dia voltou, meu amor

E eu não tenho certezas.

(PÁRA DE CANTAROLAR. BEBE. ATIRA A GARRAFA. LEVANTA-SE. PEGA UMA LONGA LANÇA QUE COMPLETA SEU BRASÃO PENDURADO NO CENÁRIO. COLOCA-A NO CHÃO. SOBRE ELA DANÇA A CHULA. A MÚSICA É SEMPRE A MESMA PARA TODAS AS QUADRAS. CANTA BAIXO E DANÇA SEM DENODO.)

Quero ver sua fama

Quero ver sua guerra

Se você é homem

Ponha o pé na terra.

Para Maria Rute

Ofereço um laço

Mas para meu amor

Eu dou este passo.

(É EXÍMIO DANÇARINO. CONTINUA DANÇANDO E CANTANDO. CANSANDO-SE. A LUZ EXPLODE EM PEREZ Y MEJIA QUE FALA. PAPA CONTINUA CANTANDO E DANÇANDO. INVENTANDO SEMPRE NOVOS PASSOS.)

PEREZ Y MEJIA

— Você subiu ao poder com todos os instrumentos para mexer este país inteiro, para limpar o esterco das cavalarias de Alhambra, nós lhe demos os raios de Júpiter e você se

transformou no quê? Em Papa Highirte, que mais além de Papa Highirte que dança chula e bebe pulque e sabe canções folclóricas? Mais que, além de punir três ou quatro subversivos notórios? Mais que, além de intervir em três ou quatro sindicatos? Mais que, além das colunas sociais? Dos planos diários irrealizáveis, dos decretos em favor dos animais? Mais que, além de jantar com o Presidente da Noruega? Mais que? Prefiro Camacho, prefiro de novo a corrupção no poder, pelo menos a luta voltará a ser ao ar livre! Pelo menos eles não serão mais mártires! Que fez você além de criar mártires e resmungos e anedotas? Mais que Juan Maria Guzamón Highirte? Mais quê? *(Papa joga sua garrafa de pulque que explode contra a parede. Perez y Mejia some de estalo. Mariz entra em cena)*

(SE FOR NECESSÁRIO, PODERÁ SER FEITO UM INTERVALO AQUI. PARA O INÍCIO DE UMA SEGUNDA PARTE, A PEÇA SERIA RETOMADA A PARTIR DA PARTE FINAL DO DISCURSO DE MEJIA.)

PAPA HIGHIRTE

— Onde está Morales?

MARIZ

— Vem vindo, senhor.

PAPA HIGHIRTE

— Quem lhe deu autorização de entrar assim aqui?

MARIZ

— . . .Eu...

PAPA HIGHIRTE

— ... Quem lhe deu autorização?

MARIZ

— ... Perdão, senhor, não conheço bem a casa. Perdão... *(Um tempo. Os dois se olham. Mariz sai. Morales entra)*

MORALES

— Os tamales, Papa.

PAPA HIGHIRTE *(Pega-os. Atira-os longe)*

— Bolos de milho nojentos. . . Feitos com a mão, sem higiene, sem. .. Milho. . . Alhambra não come centeio, não come trigo.. . Milho. .. Comemos milho. .. Nojento. *(Toca a campainha)*

MORALES

— Papa...

PAPA HIGHIRTE

— Vou sair... Quero dar uma volta..

MORALES

— ... São três horas da manhã, Papa, o senhor bebeu muito... *(Mariz entra)*

PAPA HIGHIRTE

— ... Graziela já viu você com esse uniforme, menino?... Ainda não teve tempo, ela vai gostar. . . Você fica elegante, com cara de pessoa.. . Quer pulque?

MARIZ

— Não bebo, senhor.

PAPA HIGHIRTE

— Bebe. Todo latino-americano bebe. *(Dá a garrafa a Mariz)*. Beba. *(Mariz bebe)*. Tem belas coxas a Graziela... É a putinha mais bem conservada que conheço, a putinha. .. Um seio pequeno, a putinha tem um seio pequeno de donzela... Hein? Você não acha bonita a coxa de Graziela?.. . Hein, Mariz. . . Hum. .. o rapaz tem seus orgulhos... Você estudou, menino?

MARIZ

— Deixei os estudos para trabalhar, senhor.

PAPA HIGHIRTE

— Mentira, menino, vocês mentem, você ficou sentado nos botequins, discutindo os governos, sentindo-se um injustiçado, não foi?

MARIZ

— Não, senhor.

PAPA HIGHIRTE

— Foi sim. Os homens em Alhambra agora resolveram se sentir injustiçados, todos se acham capazes agora, os políticos vão à televisão dizer que há injustiça, os poetas escrevem que há injustiça e todos sentaram nos botequins e resmungam, ninguém tem coragem de lutar e trabalhar feito macho, trabalhar virou servilismo, bater relógio de ponto é servilismo, eficiência é servilismo, os técnicos americanos me diziam “Papa, a grande dificuldade é fazer os operários latino-americanos se concentrarem, Papa, trabalham em média trinta segundos, quarenta, depois conversam, olham, dizem graças”, sabe por que nós somos pobres? Por que ninguém se concentra durante mais do que quarenta segundos na América Latina, eu devia ter usado a violência, sabe? Ferro e fogo, com vocês só ferro e fogo.. . *(Pausa)* Vamos dar uma volta, menino, ver a aurora... Você não vai, Morales.

MORALES

— Papa...

PAPA HIGHIRTE

— Vou só com o menino... Você não gosta de mim, não é menino?... Não tenha medo, Morales. Essa gente é covarde. Se ele tiver de fazer alguma coisa não vai fazer. . . Eles só sabem se meter no meio de multidões, não é, menino?

MARIZ

— Não estou entendendo, senhor.

PAPA HIGHIRTE *(Saindo)*

—Vamos ver essa aurora, menino. Venha. *(Vão saindo. Manito explode na frente de Mariz. Mariz fica um pouco. Sai. A luz fica só em Manito)*

MANITO

— Você conhece alguma revolução sem herói? O que falta nesse país é gana, o que eles tiram de Alhambra não é o minério, não é a terra, é a gana, gana companheiro, a gente tem de ser feito archote, lá na frente, mesmo que seja para ficar feito cruz na estrada, feito ponto de referência, feito Cruzeiro do Sul para os outros se guiarem, mesmo que seja para perder, feito archote, é a gana, companheiro.

(AS ÚLTIMAS FALAS DE MANITO SE CONFUNDEM COM OS RISOS DE GRAZIELA. DEITADA NUMA AMA. MARIZ SENTADO, CALADO. GRAZIELA TEM UMA CARTA NA MÃO. A LUZ EM MANITO QUASE SOME. ELE COMEÇA A CANTAR MUITO BAIXO.)

A bandeira da minha terra
Vermelha, fornalha,
Foi costurada com fuzil
No campo da batalha;
A canção da minha terra
Vermelha, fornalha,
Foi composta na rua
Com o som da metralha.

GRAZIELA *(Lendo)*

—Atestado de antecedentes de Pablo Mariz: nenhuma entrada na polícia, nenhuma noti.. . Notificação do Departamento de Polícia Política de Zacapa. Bons antecedentes. *(Estende o papel. Mariz pega)* Viu? Morales já se informou sobre você... Chegou ontem de Zacapa. Papa Highirte me mostrou... Ele disse que desconfiou de você. . . Puxa é difícil ter bons antecedentes... A gente vai ter de sair logo que a Dolores quer o apartamento que ela arranjou um fiscal da Alfândega. . . *(A luz em Manito abre um pouco mais. Ele canta, Mariz, olha fixamente a imagem de Manito)* Olha . Arranjei dinheiro para Grissa, eu roubo do Papa... Ela quer voltar para Alhambra, junta todo o dinheiro que ganha coitada, ela te disse. .

MARIZ

— . . Disse...

GRAZIELA

— É, ela só fala nisso, ela tinha um sobrinho que apareceu morto no rio. *(Luz em Grissa)*

GRISSA

— Mas ele é tão menino, uma coisa, tão menino meu sobrinho, Papa, me lembro, um menino, tão menino.

(A IMAGEM EM GRISSA FICA AINDA UM POUCO.)

GRAZIELA

— Papa não vai querer deixar ela ir embora, coitada.. . Papa me disse que gosta de você porque acha que você não gosta dele... As pessoas são tão assim, não é? Ele falou de mim prá você?

MARIZ

— Falou.. . *(Manito começa a aparecer. Começa a cantar de novo. Baixo)* Falou do seu peito, da sua coxa, no carro de madrugada só falava no seu peito, na sua coxa...

GRAZIELA

—.. . É prá te provocar...

GRISSA

— É tão menino, uma coisa, tão menino.

(A LUZ VAI DESAPARECENDO EM GRISSA. EM MANITO A LUZ DESCE.)

GRAZIELA

— Deita aqui comigo.

MARIZ

— ... Falou do seu peito, da sua coxa, da sua anca, anca de égua de Grande Prêmio.. . Me contou como beija seu peito, peito de menina debutante, que ele beija seu peito até ficar roxo o bico do seio. . .

(GRAZIELA RI. A LUZ EM MANITO VAI AUMENTANDO. ELE CANTA DE NOVO O SEU HINO. BAIXO. MARIA OLHA FIXO MANITO. GRAZIELA SE LEVANTA E COMEÇA A FALAR. A LUZ EM MANITO VAI FICANDO MAIS FORTE. OUTRO FOCO DE LUZ ABRE EM GRISSA, EM SILÊNCIO. MÃOS NO ROSTO. OUTRO FOCO DE LUZ ABRE, LENTO, REVELANDO OS DOIS COBERTOS. MARIZ CADA VEZ MAIS PETRIFICADO, GRAZIELA AINDA REPETE OS MOVIMENTOS QUE FAZ PARA PAPA HIGHIRTE. FALA MUITO. EM DETERMINADO MOMENTO, A SUA VOZ DESAPARECERÁ COMPLETAMENTE COBERTA PELA VOZ DOS DOIS COBERTOS E PELA CANÇÃO QUE MANITO CANTA CADA VEZ MAIS FORTE)

GRAZIELA

— ... Sabe? E ele senta numa cadeira e pede prá mim andar, primeiro vestida, assim toda coberta, eu fico andando, aí ele pede prá tirar o “soutien”, fico só de vestido o seio balançando, acho que andei um dia a tarde toda, parecia uma excursão, ele fica olhando, fuma, bebe pulque, sabe o que ele mais gosta que eu faça? Vou andando assim de costas, a blusa fechada, aí eu chego bem de longe e assim de repente viro assim com a blusa aberta, fico um instante, zapt, aí viro de novo, aí ele pede prá mim dançar como eu danço na “boite”..

(MANITO CANTA CADA VEZ MAIS ALTO.)

COBERTO 1

— Entrega. Entrega.

COBERTO 2

— O nome deles todos.

COBERTO 1

— O nome deles todos.

COBERTO 2

— Entrega. Entrega. *(Vão chegando em Mariz)*

COBERTO 1

— Fala que não deixa marca.

COBERTO 2

— Já tomou choque elétrico, comunista?

COBERTO 1

— Dá choque nele. *(Em cima de Mariz)*

COBERTO 2

— Dá choque nele.

COBERTO 1

— Choque nele.

COBERTO 2

— Choque.

MARIZ

— Pára com isso. Pára com isso.

(GRAZIELA QUE ATÉ ESSE MOMENTO DANÇAVA E FALAVA, CORRE PARA MARIZ QUE SE RETORCE NA CADEIRA. TODOS SOMEM DE ESTALO, MENOS A LUZ EM MANITO QUE SOMENTE DESCE. MANITO PÁRA DE CANTAR.)

GRAZIELA

— Que foi, Mariz, que foi? *(Mariz segura forte Graziela)*

MARIZ

— Nojo, nojo de você, nojo.

GRAZIELA

— Pára. Pára.

MARIZ

— Nojo, nojo, nojo.

GRAZIELA

— Não faço mais, estava fazendo prá agradar você, prá você...

MARIZ

— Eles matam a gente, acabam com a gente e você se esfrega neles, não é, se esfarela neles... *(Sacode Graziela. Manito volta a ter sua luz intensificada. Começa a cantar de novo)*

GRAZIELA

— Pára. Pára.

MARIZ

— Vou matar ele, comprei uma pistola que dá oito tiros...

GRAZIELA

— Está louco, está louco...

MARIZ

— Vim de Zacapa prá dar oito tiros nele, dois anos em Zacapa juntando dinheiro, eu também juntei dinheiro...

GRAZIELA

— Me solta, me solta, vou fazer o quê? Tenho de ficar com Papa, sou tão solta, ninguém me quer de verdade, eu...

MARIZ

— Por causa de Manito, mulher, por causa de Manito, não é por sua causa, nem sei quem é você, por causa de Manito, por...

GRAZIELA

— Socorro. Socorro.

MARIZ

— Eles que mataram Manito, esses filhos da puta mataram Manito, matou Manito não é, cachorro? Vai ver comigo. Papa Highirte, você não vai abrir a boca prá dizer ai entendeu? Entendeu?...

GRAZIELA

— Juro, meu amor, juro, juro...

MARIZ

— *(Manito canta o hino)* . . . Prenderam Manito e sumiram com ele e torturaram, torturaram e de manhã Manito ia prá cela todo arrebetado e cantava o hino de Alhambra aí vem o médico prá saber se as pessoas podem ser torturadas de novo e torturam, torturam, mas Manito não

falou nada, era o melhor torneiro mecânico de Alhambra, vinha gente ver ele fazer a instalação de uma fábrica! Começou a não ter mais emprego, tinha uma fábrica de trator, começaram a comprar trator no estrangeiro, Papa Highirte dançava chula e dizia que era assim que a gente só fabricava trator de roda e precisava trator de esteira.

MANITO

— A gente vai fazer o que, Diego, mais da metade das máquinas da fábrica vão parar.

MARIZ

— ... E Manito queria puxar briga, puxar briga, mas não dá ainda, Manito, não dá, as pessoas têm medo, acham que se ficarem caladas é melhor, eles pensam que melhora sozinho, pensam que reclamar piora...

MANITO

— E eu faço o que até eles descobrirem, converso com o barbeiro?

MARIZ

— ... Tem de ficar com eles, discutindo, discutindo, juntando...

MANITO

—.. . Não sou pastor de ovelha, companheiro, revolucionário...

MARIZ

— ... As noites todas discutindo com Manito, ele começou a juntar mais gente, gente quente, foram se juntando, eu estava no meio.

MANITO

— Vem comigo, Diego, você tem cabeça boa...

MARIZ

— ... Eu fui indo, a gente tem raiva...

MANITO

— Vão fechar a fábrica de café solúvel, Diego, o Gomez não tem mais dinheiro e não sabe como vai pedir pro filho dele sair da escola, o Gomez! O Gomez!

MARIZ

— ... Não é possível, companheiros, isso tem de acabar! O que levam da gente é gana! Fui indo, mas não podia dar certo, juro, juro, juro, era só vontade, essa que late na gente, remói no fígado, não dava, juro pela alma de minha mãe, juro, estou fora, Manito, estou fora!

MANITO

— Não admito isso! Não admito isso!

MARIZ

— Quiseram até me prender por causa da segurança, eu sumi, sumi, os loucos, eles assaltaram um quartel os loucos... *(Manito começa a cantar o hino)* Se esconderam depois que ninguém no país inteiro se levantou...

MANITO

— A gente levanta Cruz de los Muertos, Abolición, Alvorado...

MARIZ

— Prenderam Manito — “eram mais ou menos cinco horas da tarde quando os agricultores Leci Bataglia e Juan dei Sol, avistaram um cadáver boiando nas águas do Rio de las Flores, entre taquaireiras. Até sei de cor isso do jornal. . . A polícia disse que ele tinha fugido e os comunistas mataram Manito prá ele não ir contra o Partido; não foi, não, mataram Manito porque não queriam levar ele prá julgamento... Levaram ele numa lancha, aí mergulharam até não agüentar, aí tiram, aí mergulham... Até morrer... Amarram uma pedra nele, ele nunca mais aparece... Mas o pé de Manito escapou, eles perderam Manito, era noite... Não conseguiram achar o corpo.. . por isso ele apareceu boiando... Eles chamam isso de acidente de trabalho.... Por isso o corpo apareceu... Foi acidente de trabalho... *(Manito ainda canta o hino um pouco. Lentamente a sua figura some. Longo silêncio. Graziela raio sabe o que fazer. Longuíssimo tempo).*

GRAZIELA

— Quer fumar...? *(Mariz faz que sim. Graziela acende dois cigarros. Treme. Longo tempo)*... Sabe? Não queria saber nada disso... Desculpe. Não queria saber... *(Longo silêncio)*.. . Não

faz nada com Papa, ele não tem Vão dizer que eu estou metida e... . *(Novo longo silêncio)*.

MARIZ

— Sabe? Quem denunciou Manito fui eu.

GRAZIELA

— Pelo amor de Deus, por favor...

MARIZ

— Um mês depois que eles assaltaram o quartel me prenderam, eu tinha arranjado umas armas para eles e o sujeito que tinha sido o contato era do Serviço Secreto do Exército... Me pegaram, minha família morava longe, meus amigos me procuraram, não sabiam onde eu estava. O Clarín estava fechado, o jornal noticia, mas operário logo some de jornal, sabe? Me pegaram, juro que não ia falar, não sei onde ia ter forças mas não ia falar juro! Eles começam aos poucos e vão aumentando, vêm vindo, vêm vindo, você fica pedindo prá morrer porque Mo pode reagir, a cela tinha água, um palmo de água, me punham descalço lá dentro, eu me encostava na parede, dormia assim, de vez em quando a porta abre, são eles, no começo me batiam e gritavam, gritam no ouvido, todos mascarados, prá você nem saber onde está, cobertos com cabeça de papelão, me batiam no pescoço, eu nem conseguia mais engolir comida, entrei lá com setenta e três quilos, saí com cinquenta ah! Como eu não queria saber nada meu Deus mas eu sabia, não estava de acordo com o que eles tinham feito mas tinha de agüentar, tinha de... eles começam a aumentar, uma mulher presa ela estava grávida de um sujeito de lá, juro! Violentaram ela, ela me dizia “estou grávida, preciso sair daqui prá fazer um aborto, explica prá eles que eu preciso fazer um aborto”, fiquei dois dias, três dias sem ver água, vem ferida no lábio, a língua pesa na boca, dói respirar, foram aumentando, punham barra de gelo no meu peito, eu voltava prá cela e a mulher “estou grávida, estou grávida”, depois vem choque elétrico, sabe? Na cara, está vendo estas marcas? Aí eu comecei a chorar, pelo amor de Deus, comecei a pedir pelo amor de Deus, aí eles sabem que você está fraquejando e vêm em cima, eu pensava em Manito cada vez menos, porque foram se meter numa loucura dessas, hein. Por que eu tinha de pagar isso, eu pergunto? Hein? E choque elétrico e pancada de sabre e no baço e me davam injeção de álcool na veia, a gente fica bêbado e choque no ouvido, fica zumbindo, zumbia tudo, aí aqui embaixo, choque aqui, juro! Aqui, a gente estala, você não agüenta mais ter corpo, a voz não chega para os gritos, grita, grita, chega, chega, eu falei tudo, tudo que sabia, o nome de todos, todos... *(Os dois cobertos aparecem de estalo. Mariz continua falando)*.

COBERTO 1

— Fala que tem sol lá fora.

COBERTO 2

— Fala que tem sol lá fora.

COBERTO 1

— Fala que não deixa marca.

COBERTO 2

— Fala que não deixa marca.

MARIZ

— Gomez, Gomez, Ricardo Amoedo, Lope Guadalupe, Oregón, Salucio contei com raiva o nome de todos, um por um, raiva, raiva, raiva de ter de falar, raiva de virar trapo, raiva de vocês que fazem loucura; Hermano Arrabal, Manito, é o chefe, Hermano Arrabal, é o chefe, Manito, Hermano, Hermano; um pouco antes de Papa Highirte cair eles me soltaram, eu fugi para Zacapa, tinha uns amigos lá, um dia em Zacapa teve uma homenagem em memória de Manito, herói de Alhambra, aí eu soube que Manito tinha morrido e tive nojo de mim, me mordi, chorei, não me matei de medo, de..., me mordi, atravessava a rua de repente, puxei briga, me cortei, me mordi no pulso e... arranjei outro nome e documento e juntei dinheiro prá comprar uma pistola e uma passagem prá cá e só penso em matar Papa Highirte e depois me mato... *(Longuíssimo e imenso silêncio. Graziela meio chora. Imóveis. Agora Graziela vem até ele. Ajoelha-se, põe a cabeça nos joelhos de Mariz. Tempo longo)*

GRAZIELA

— ... Diego. . . *(Novo tempo longo)*. .. A gente tem de ir embora que a Dolores quer o

apartamento... *(Silêncio)* Olha, fica comigo e... Não faz isso... Fica comigo e... *(Longo silêncio)*... Vão pensar que eu também estou metida nisso e...

MARIZ

— ... Acho que não tenho coragem... Eu tentei ontem e... *(Silêncio)*

GRAZIELA

—.. . A culpa não é de Papa e.. . A gente fica junto.. . *(Longo silêncio)* A Dolores quer o apartamento... Eu saio na frente. *(Tempo)* Olha. *(Tempo. Sai. Mariz, lento, olha coisa nenhuma. A luz explode em Papa Highirte, robe de chambre, garrafa de pulque, copos na mão. Corre desvairado pelo palco. Atira copos)*

PAPA HIGHIRTE

— Morales! Morales! Acorda homem! Acorda Alhambra. Acorda. Povo da minha terra, povo da minha terra, Morales! Morales! Povo da minha querida, cálida e aturdida Alhambra. . . *(Morales aparece)*

MORALES

— Que foi, Papa, eu.. . *(Papa corre para ele. Abraça-o, grita)*

PAPA HIGHIRTE

— Morales. Morales, meu bom Morales... *(Chora)* Meu bom, fiel Morales.

MORALES

— Que é isso, Papa? São três horas da

PAPA HIGHIRTE

— ... São três horas da manhã do dia, que dia é hoje?...

MORALES

—... 20 de maio...

PAPA HIGHIRTE

— ... São três horas da manhã do dia 20 de maio, Juan Maria Guzamón Highirte, no meio da madrugada tonta recebe um telefonema de seu velho amigo William Eskell, seu velho amigo Wihiam Eskell emocionado, diz que finalmente conseguiu que Papa Highirte fosse convidado para pronunciar conferências...

MORALES

— Papa!

PAPA HIGHIRTE

— É o meu sinal Morales, o nosso sinal. Vamos derrubar Camacho. O estrangeiro também já não quer mais Camacho. É o sinal de Alhambra, viva Alhambra.

MORALES

— Viva Highirte. Viva Highirte.

PAPA HIGHIRTE

— O velho estúpido imbecil estúpido Camacho pensava que podia governar com a subversão sem pagar nada? Esses industriais imbecis pensavam que podiam flertar com a subversão sem troco? Não sabem nada de subversão. Sabe o que os sindicatos querem agora de Camacho? Hein? Fabricação de calçados populares. É. Uma greve numa fabriqueta de sapatos, cresceu, deu nisso... Camacho não sabe o que fazer, pedem a estatização dos sapatos, Morales! Camacho está fechado no palácio, tonto, bonzo; perdeu-se pelos sapatos, Morales. Perez y Mejia, Perez y Mejia acaba de me telefonar também.

MORALES

— Papa!

PAPA HIGHIRTE

— O grande canalha manso cordeiro, quer fazer uma união comigo... Vem aqui conversar o grande canalha.

MORALES

— Highirte. Highirte.

PAPA HIGHIRTE

— Morales, meu eterno Morales. *(Se abraçam, emocionados).*

PAPA HIGHIRTE

— Chame Grissa, acorde o menino, quero que ele vá buscar Graziela agora. . . Quero uma festa só para mim, a festa do 20 de maio, amanhã, os rumores correndo, vão aparecer os embaixadores de todos os países, todos os que nem me cumprimentavam, hoje é só para mim, quero uma ceia de cardeais, uma ceia de Nabucodonosor, dos Bórgias. *(Joga copos)*. Abaixo Camacho. Viva o Generalíssimo Juan Maria Guzamón Highirte. *(Morales sai correndo. Papa continua dando vivas e abaixos. Joga copos. Cansa. Vem para a frente. Fala como se falasse com o público num comido. Uma longa pausa olhando, acenando. A luz em Mariz e Manito bruxoleia. Os dois de macacão. Papa está muito emocionado)* Volto, meu povo, sem rancor, três anos de exílio, volto, estão convencidos agora, não é? Viram a subversão bem de perto outra vez, não viram? Nunca tão de perto, hein, meu povo?

MARIZ

— Hein, povo? O que nós somos, hein, povo?

PAPA HIGHIRTE

— Viram a subversão solta na rua com suas goelas vermelhas pedindo almas iguais, homens iguais, prometendo batatas em troca da sua alma, viram? *(Papa para de falar para pensar)*

MARIZ

— Eles falam que lutam pela liberdade, que queremos fazer todos virar autômatos, mas o que é que nós somos? Autômatos. Somos todos iguais, companheiros, a mesma miséria, olhem, o mesmo desinteresse, a mesma falta de futuro, o mesmo relógio de ponto, a mesma viagem de ônibus, a mesma dor nas costas, o mesmo único interesse de salvar pelo menos nossos filhos...

PAPA HIGHIRTE

— Os filhos? Como vocês tratam dos filhos? Noventa, noventa casos por mês de crianças que morrem desidratadas porque as mães levam os filhos ao hospital já tarde demais. Noventa. Noventa! Vejam, não estou criticando meu povo, vejam, mas entendam; gostamos mais das flores que dos frutos, gostamos mais do pôr do sol que da aurora, não sabemos prever, não inventamos a máquina de somar, inventamos os violões, as guitarras; ficamos para trás e reclamamos dos que estão na frente, mas eles trabalham em regime de quatro turnos, nós trabalhamos dois turnos; sessenta por cento do que poderíamos produzir fica perdido nas nossas eternas madrugadas, nas nossas eternas esquinas... *(Agora é Manito quem fala. Mariz, como se estivesse num comício, deixa-lhe a frente. Anima-o tocando seu ombro. Sai lento)*

MANITO

— . . . Quarenta por cento, só quarenta por cento do que o povo produz aqui em Alhambra fica com a gente, só quarenta por cento dessa renda nacional que já é uma tristeza fica na minha mão, na sua e então não tem emprego e eles dizem que não gostamos de trabalhar, e não tem dinheiro e eles dizem que somos ladrões, e não tem esperança e a gente canta e bebe e eles dizem que somos perversos, dizem isso sentados, fofos, lisos, com o nosso trabalho nas mãos, nas almofadas, na pele limpa e o nosso pão é o desalento, a vergonha de nós mesmos, o pouco, o tão pouco meu Deus do céu que acreditamos em nós. Só temos quarenta por cento de nós mesmos.

PAPA HIGHIRTE

— Só vinte e oito por cento da população trabalha. Só vinte e oito por cento.

MANITO

— Cada um de nós deve trezentos dólares ao estrangeiro.

PAPA HIGHIRTE

— Vivemos à custa do estrangeiro.

MANITO

— O país é deles e nos pedem sacrifícios.

PAPA HIGHIRTE

— O país é de vocês, é preciso sacrifícios.

MANITO

— Chega. povo de Alhambra.

PAPA HIGHIRTE

— Chega, povo de Alhambra.

MANITO

— Ao poder, povo de Alhambra.

PAPA HIGHIRTE

— Ao trabalho, povo de Alhambra.

MANITO

— Chega.

PAPA HIGHIRTE

— Chega.

GRAZIELA

— Chega. Chega. *(A luz abriu em Graziela que dançava em cima da lança atravessada. Caiu. A luz em Manito sumiu. Grissa, Papa, Morales, fazem parte desta cena agora, acompanham Graziela rindo muito, riem mais quando Graziela cai no chão. Mariz ri muito também)* Não tem graça.

PAPA HIGHIRTE

— Perdeu. Minha menina perdeu.

GRAZIELA

— Me ajuda aqui.. . Que dança mais boba.. . Nunca viram ninguém dar de bunda no chão?... *(Risos)* Como estou bêbada, meu Deus...

PAPA HIGHIRTE

— Olha o quatro.. . Eu faço o quatro... *(Faz o quatro desequilibrado. Mariz faz o quatro)* Olha... Olha o quatro do menino. . . Muito bem, menino. . . *(Graziela tenta fazer o quatro. Se desequilibra. Grissa idem)* Muito bem, Grissa. . . *(Morales faz o quatro perfeito)* Você não bebe Morales, ora.

GRAZIELA

— São cinco e meia da manhã, estou aqui desde as três pulando em cima dessa lança, quer explicar que festa é essa?

PAPA HIGHIRTE

— E uma festa precisa ter explicação? Uma festa é uma festa, trata-se de uma festa, ou seja, uma festa. . . *(Mariz ainda faz o quatro)*... Chega de quatro, menino. . . A saúde do quatro do menino...

MARIZ

— Saúde.

PAPA HIGHIRTE

— Grissa, quem dança a chula agora é Grissa!

GRISSA

— Eu, Papa, eu...

MARIZ

— Adelante, adelante.

GRAZIELA

— Adelante, adelante. Grissa *(Ri muito)*

GRAZIELA

— Grissa, Grissa, Grissa.

PAPA HIGHIRTE

— Você tem que fazer como eu faço, hein? Vem.. . *(Canta e pula)*. Na primeira vez dê um pulo assim.

GRISSA *(Atrás)*

— Não *(Tentando)* . . . Dá um pulo

PAPA HIGHIRTE

— Coragem, Grissa.

GRISSA

— Não sei. . . Não sei...

MARIZ

— Morales, Morales.

GRAZIELA

— Morales, Morales.

PAPA HIGHIRTE

— Morales. Morales.

MARIZ

— Adelante, Morales.

PAPA HIGHIRTE *(Pula e canta)*

Da segunda vez
Venha atrás de mim,
Na terceira vez
Me responda sim Morales
Da segunda vez
Venha atrás de mim
Na terceira vez
Me responda sim

PAPA HIGHIRTE

— Errou tudo, Morales. Tudo. *(Graziela e Mariz vão)*

MORALES

— Eu acertei, um momento, eu acertei. *(Vão)*

PAPA HIGHIRTE

— Um desastre, Morales, desastre.

MARIZ

— Errou o primeiro passo, depois não fez a trança como Papa, o volteio você fez com a mesma perna de apoio, cada perna nunca toca duas vezes o mesmo lado, Morales.

PAPA HIGHIRTE

— Deus meu, Deus meu, até que enfim um homem da chula, Deus meu.

GRAZIELA

— Mariz. Mariz. Mariz.

MORALES

— Quero ver agora, menino. Adelante. Adelante.

GRAZIELA

— Mariz. Mariz. Mariz.

PAPA HIGHIRTE

— Silêncio. *(Pega pulque, dois cálices e tamales)* Um bom torneio é assistido com silêncio. É difícil um bom torneio. *(Silêncio. Papa inicia uma cerimônia que precede o torneio. Vai até Mariz. Os dois ficam parados um diante do outro)* Permite-me beber ei pulque com usted, hermano?

MARIZ

— Con gusto, hermano. *(Os dois se acocoram. Papa lhe estende o cálice)*

PAPA HIGHIRTE

— Que seus padres mueram bien y que sus hijos sean felices.

MARIZ

— Lo mismo, hermano. Dáme ei honor de partillar comigo de mi comida, hermano?

PAPA HIGHIRTE

— Con gusto. *(Comem os tamales)* Hermano, permite-me disputar su agilidad e su levez de pensamiento en un tomo de chula?

MARIZ

— Con gusto, hermano. *(Levantam-se)* Adelante. *(Papa vai até o começo da lança. Concentra-se. Começa a disputar)*

PAPA HIGHIRTE

— Quero ver sua fama
Quero ver sua guerra
Se você é homem
Ponha o pé na terra (*Morales aplaude*)

MARIZ — (*Um tempo. Dança exatamente os mesmos passos*)

Quero ver sua fama
Quero ver sua guerra, etc.

GRAZIELA (*Aplaudes*)

— Mariz. Mariz.

MORALES

— Chiu. (*Papa novamente propõe o passo*)

PAPA HIGHIRTE

— Para Maria Rute
Ofereço um laço
Mas para meu amor
Eu dou este passo.

MARIZ (*Em seguida. Imediato*)

— Para Maria Rute
Ofereço um laço, etc.

(MARIZ EMENDA COM O COMANDO. UM PASSO DIFÍCILIMO)

Vamos ver agora
Quero ver sua raça
Porque este passo
Não tem quem faça.

PAPA HIGHIRTE

— Vamos ver agora
Quero ver sua raça
Porque este passo... (*Papa se desequilibra*)

GRAZIELA

— Mariz. Mariz ganhou. Mariz ganhou. (*Grissa e Graziela aplaudem*)

PAPA HIGHIRTE

— Vou tentar de novo, vou tentar de novo.

GRAZIELA

— Não pode, você disse que não pode...

MORALES

— O Presidente pode. O Presidente pode.

PAPA HIGHIRTE

— Vamos ver agora Quero ver sua raça. . (*Se desequilibra*)

MARIZ

— Ganhei. Ganhei. Ganhei.

GRAZIELA

— Mariz. Mariz. Mariz. (*Papa vai se sentar. Mariz dança como um louco*)
Mariz Quero ver agora
Quero ver sua raça
Porque este passo
Não tem quem faça.
Quero ver agora
Quero ver sua raça...

PAPA HIGHIRTE

— Chega, chega está bem! (*Todos param. Silêncio*) Tenho sessenta e dois anos, ora. .
Queriam o quê? . . . Estou bêbedo.. . Ganhou, está bem. . . Um passo novo, não conhecia. . . Aprendo

amanhã, ora. . A festa, acabou boa-noite.

GRAZIELA

— Ah, Papa, que é isso?

MORALES

— Papa, não...

PAPA HIGHIRTE

— Boa-noite. *(Silêncio)*

GRISSA

— Boa-noite, Papa. *(Sai)*

MARIZ

— Boa-noite. *(Vai saindo)*

PAPA HIGHIRTE

— Você não vai embora, não. Vai levar Graziela.

GRAZIELA

— Eu não vou ficar aqui?

PAPA HIGHIRTE

— Não. Ele ganhou. Hoje à noite você é dele. Boa-noite.

GRAZIELA

— Ora, Papa que...

PAPA HIGHIRTE

— Boa-noite. *(Tempo. Graziela sai. Um tempo. Mariz sai atrás. Fica só Morales. Olha Papa)*

MORALES

— O senhor dança melhor, Papa. *(Sai. Papa fica parado um longo tempo)*

PAPA HIGHIRTE .

— Tenho a impressão que você não vai mais nada Juan Maria Guzamôn Highirte... mais nada...

(CORTE DE LUZ. MARIZ DANÇA. GRAZIELA DEITADA NA CAMA DA CASA DE DOLORES RI. MARIZ CANTA AS LETRAS DA CHULA.)

GRAZIELA

— Ele é uma criança, não é? hem? eu acho que... a gente nem acredita que ele foi presidente de um país. Um país. Vem, Diego. Diego. Diego. *(Mariz não responde. Canta e dança de maneira obsessiva)*

MARIZ

— Para Maria Rute ofereço um laço mas para meu amor eu dou este passo

GRAZIELA

— Vem comigo, Diego.

MARIZ — *(Repete de novo)*

GRAZIELA

— Diego, por favor.

MARIZ — *(Repete de novo. Graziela vai até ele. Segura-o. Beijam-se com gana. Vão para o chão. Um tempo. A luz abre em Papa. Ainda está lá sentado. A luz nos dois vai diminuindo até black-out).*

PAPA HIGHIRTE

— Juan Maria Guzamôn Highirte... Novamente Presidente de Alhambra... Acho que este não é mais o seu mundo Juan Maria Guzarnon Highirte... Juan Maria Guzamôn Highirte... *(Semi canta)*

A noite chegou meu amor

E eu não tenho certezas.

O dia voltou, meu amor....

Eu eu não tenho...

(A LUZ VAI ABRINDO NOS DOIS DEITADOS NA CAMA. SOLTOS. SEMINUS. PAPA AGORA ESTÁ DE PÉ. BÊBADO. DE VEZ EM QUANDO PRONUNCIA UMA FRASE DA

CANÇÃO. A LUZ NELE VAI SUMINDO AGORA ATÉ O DESAPARECIMENTO COMPLETO.)

GRAZIELA — *(Depois de tempo)*

—... Olha o sol lá em cima já. . . Puxa. Hei...

MARIZ

— Hei.

GRAZIELA

— Olha o sol.

MARIZ

— Olha o sol.

GRAZIELA

— Está ficando comunicativo. . . Já responde quando eu falo. Hei.

MARIZ

— Hei.

GRAZIELA

— Hei.

MARIZ

— Hei. *(Longa pausa)*

GRAZIELA

— . . . Vou comprar a passagem de Grissa hoje ela juntou todo o dinheiro...

MARIZ

— Bom.

GRAZIELA

— . . . Que mais eu tenho de fazer hoje. . .? Se eu soubesse trabalhos manuais, ia fazer trabalhos manuais.. . *(Longa pausa)*. Diego.

MARIZ

— Hein?

GRAZIELA

— Você mudou de idéia? *(Longa pausa)*.. . Você sabe trabalhos manuais, queria tanto saber trabalhos manuais... Por que é que Papa deu a festa, é que ele vai voltar?

MARIZ

— Deve Ser.

GRAZIELA

— Papa é bom, você não viu? Ele não tem culpa, ele é um homem bom, não é um homem bom? *(Pausa)* Para Maria Rute. . . *(Pausa)* Será que ele me leva se ele voltar?

MARIZ

— . . . capaz...

GRAZIELA

—... Acho que leva você também. . . *(Pausa)* Você não mudou de idéia?

MARIZ

—... Eu tentei pegar ele. . . *(Pausa longa)*... Agora.. . Agora... Nesses dias. . . Eu fico pensando que podia começar de novo, esquecer isso.

GRAZIELA

— pode sim, Diego, claro que pode.

MARIZ *(Longa pausa)*

—... Fico arranjando desculpa... De repente se ele é assassinado pode haver uma reação em Alhambra contra o meu pessoal... *(Longa pausa)* O meu pessoal está avançando muito parece...

GRAZIELA

— Isso não é desculpa, é... Não é.

MARIZ

— Sabe o que eu penso?... *(Longa pausa)* ... Se você ficasse assim comigo, quem sabe os dois um assim com o outro... *(Longa pausa)* Pra Alhambra não posso voltar que eles vão se lembrar

sempre e... Quem sabe Zacapa... Quem sabe aqui e... *(Longa pausa)*

GRAZIELA

— Se Papa voltasse prá Alhambra a gente podia ir.

MARIZ *(Longa pausa)*

—... Eu pensava só a gente... *(Longa pausa)* Você ia?... *(Graziela não diz nada)*... Eu falei É uma idéia boba... *(Tempo. Levanta. Começa a se vestir lento. No fundo do palco abre a figura de Manito. Olha Mariz. Assobia baixo o hino)*

GRAZIELA

— ... Fica comigo e com Papa e... Essas coisas são tão complicadas eu acho quem tem culpa? Não é essas coisas?... Eu gosto de você mas... sabe? Eu preciso ter sempre uma escora, um... Uma coisa que me dê garantia assim... *(Pausa)* Que você vai fazer?

MARIZ

— ... Eu não posso mais voltar para Alhambra mas esse canalha também não põe mais os pés na minha terra, não põe mais...

GRAZIELA

— Não, Diego, assim, não.

MARIZ

— Não matei ele porque tinha medo de ser preso e porque não quero mais me matar, não mereço me matar, mas agora eu acabei dentro da casa dele, quinta-feira, toda quinta-feira Morales sai vai até a Embaixada ele fica uma hora sozinho, dá tempo de eu fugir e chegar na fronteira uma hora dá tempo, eu sumo.

GRAZIELA

— Viu? Viu? Assim não, Diego, não está certo fazer isso comigo, você é um louco, um...

MARIZ

— O que é você prá dizer o que está certo o que não está certo o que é você moça o que é você prá dizer alguma coisa de certo e de não é certo o que é? *(Sai. A luz fecha. Manito continua assobiando. Abre em Papa no telefone)*

PAPA HIGHIRTE

— ... Hoje é quinta-feira, Diana, minha filha não está?. Está no quarto? Fale mais alto, Diana, diabo! Mas correndo! Essas ligações são uma fortuna... *(Espera)*. Diabo de empregadas que... Deve ser uma democrata... *(No telefone)* Lia? Como vai. Lia, minha filha? *(Mariz entra. Novamente tenso)* Esqueceu de mim, Filha, telefone toda quinta-feira... Seu mando o quê? Greves, não é? Sei? Quem manda ser do governo de Camacho? Seu marido continua não querendo que você fale comigo, filha? Mas ele não vê que Camacho é um... eu sei, eu sei, não adianta. Tenho muita saudade, muita, muita, saudade de Ninita, como vai minha neta? Olhe, seu marido não deixou você vir até aqui em Montalva, não diga nada a ninguém, mas acho que logo estarei aí em Alhambra... Tenho muita saudade... Um beijo, minha filha, quero falar com Ninita. *(Tempo)* Ninita? É seu avô. Ninita. Seu avô. *(Mariz está no meio da sala. Revólver na mão)* Como vai, Ninita? O que? O dente? Tirou sozinha? Não chorou? Isso, Ninita, isso... Vi sua fotografia, sabe? Está ficando moça. A minha fotografia? Não, não vou mandar, sou um velho Ninita, um velho feioso, triste. *(Mariz lento. Guarda seu revólver. Fica ali parado. Absorto, inválido)* Fadas aqui? Aí não tem? Não tem nenhuma...? Acho que é por causa do inverno, sabe? Elas não gostam de inverno... Vai brincar, vai Ninita, um beijo grande, um beijo grande minha filhinha... *(Pequeno tempo)* Adeus. *(Desliga. Um tempo longo. Vira-se vê Mariz)*

PAPA HIGHIRTE

— ... Você tem uma neta, Mariz?

MARIZ

— ... Não, senhor...

PAPA HIGHIRTE

— Tenha. Tenha uma neta. Mariz. A família Mariz. Casar. Não com Graziela. O que é que você quer?

MARIZ

—... O carro... A Mercedes. A caixa de mudança, não consigo consertar aqui, senhor, vou levar numa oficina.

PAPA HIGHIRTE

— Claro, Mariz para que falar comigo?

MARIZ

— . . . Pensei que o senhor fosse precisar.

PAPA HIGHIRTE

— Case Mariz, case. (*Mariz vai sair*) Mariz. Se por acaso eu voltasse para Alhambra, você poderia ir comigo? Para trabalhar lá?

MARIZ

— Não sei, senhor.

PAPA HIGHIRTE .

— Pense nisso. (*Mariz sai*). Case, Mariz. A família é importante... Fiz o decreto 12.332 de dezembro de 64, regulamentando o salário-família. . . (*Mariz entra no seu quarto. Deita na cama, extenuado. A voz de Papa ainda se ouve. A luz em Papa vai sumindo*) Case, Mariz. Você precisa casar, Mariz. O decreto 12.332, salário-família, dezembro, Natal. . . (*A luz abre lentamente em Manito. Está vestido com um temo. Bonito. Sorri para Mariz*)

MANITO

— . . . Diego...?

MARIZ

— . . . Hein? . . . (*Senta-se na cama. Sorri*)

MANITO

— Como é o nome daquela menina que você saiu com ela ontem?

MARIZ

— . . . Lavinia...

MANITO

—... Ela é bonita demais, Diego...

MARIZ

—.. .E...

MANITO

— . . . Você não tem dó de mim, Diego?...

MARIZ

— Não...

MANITO

— ... Ela é bonita demais, Diego. (*Os dois riem*) Tem molezas demais, Diego. Isso é aristocracia operária.

MARIZ

— Prá quem pode.

MANITO

— Puxa, Diego. (*Os dois riem. Mariz vai mudando. Manito rindo*)

MARIZ

— Estou fora, Manito.

MANITO

— Tem molezas demais.

MARIZ

— Fora, estou fora, Manito.

MANITO

— Bonita demais.

MARIZ

— Fora, fora.

MANITO

— Não tem dó, Diego?

MARIZ

— Se você quer ir, vai, adeus, mas não puxa mais ninguém, se teu peito aperta muito que você se enojou de tudo, vai, vai mas não puxa, reconhece que é só contigo e vai mas não mede o mundo pela tua raiva, ou os outros não merecem ter raiva basta a tua? Paciência, paciência, até todo mundo ter a raiva que todo mundo merece ter, o que é mais bonito que ver raiva desabrochar estalando, estalando, até virar mar, até virar mar.

MANITO

— Não vou discutir mais, Diego, mas você veio até aqui, não pode voltar, não pode voltar!
(CORTE. PAPA SE ADIANTA NA DIREÇÃO DE PEREZ Y MEJIA. O ESTRANGEIRO E O GENERAL MENANDRO JUNTOS.)

PAPA HIGHIRTE

— Perez y Mejia, o grande General Perez y Mejia é uma honra recebê-lo aqui.

PEREZ Y MEJIA

— A honra é minha, Papa Highirte, poder abraçá-lo de novo. De novo aliados. Está mais cansado, Papa.

PAPA HIGHIRTE

— Duros anos, General Mejia, duros anos.

PEREZ Y MEJIA

— Papa, perdoe-me, vamos logo ao nosso assunto, o pretexto que consegui para me ausentar de Alhambra foi infantil, tenho de voltar imediatamente...

PAPA HIGHIRTE

— Claro, General, claro, veja, eu pensei muito e acho que meu governo agora tem de ser como eu sempre desejei fazer, com complacência, entende? Com cuidado, nada de violência e...

PEREZ Y MEJIA

— Claro, Papa, claro.

PAPA HIGHIRTE

— Aliás, General, é uma condição da qual não abro mão.

PEREZ Y MEJIA

— Claro, Papa, claro, mas há um problema e..

PAPA HIGHIRTE

— Um grande plano de educação cívica...

PEREZ Y MEJIA

— Papa, Camacho parece que vai tentar resistir, Papa, junto com os sindicatos, Camacho e os sindicatos vão se reunir, Papa, muitos industriais estão com eles Papa.

PAPA HIGHIRTE

— Como...?

MENANDRO

— A situação é muito difícil, Papa...

ESTRANGEIRO

— Terrible, terrible.

PAPA HIGHIRTE

— Como? O quê?

PEREZ Y MEJIA

— Tenho mais da metade da oficialidade comigo, Papa, com os comandos que ainda estão com o General Menandro acho que nós poderemos ainda manter a situação...

PAPA HIGHIRTE

— Claro, não há dúvida, ora...

PEREZ Y MEJIA

— Mas todos que me apoiam, Papa, exigem que sejam feitas eleições daqui há três meses.

PAPA HIGHIRTE

— . . Como.. .? Como...?

PEREZ Y MEJIA

— A condição. Derrubamos Camacho, eles concordam, destruimos as lideranças sindicais, mas eleições, Papa, e garantia para os investimentos nacionais do café solúvel.

ESTRANGEIRO

— Terrible, terrible...

PEREZ Y MEJIA

— E nas eleições não sei se poderemos ganhar, há líderes de esquerda, Camacho está muito desgastado, é antigo, é rapace, mas há novos, há novos...

PAPA HIGHIRTE

— Como assim? Como assim?

PEREZ Y MEJIA

— Por isso, Papa, quem tem de assumir o governo sou eu.

PAPA HIGHIRTE

— . . . Como? . . . como?...

PEREZ Y MEJIA

— Seu nome não seria aceito, Papa...

PAPA HIGHIRTE

— Meu nome não aceito? Meu nome é...

PEREZ Y MEJIA

— Seu nome está ligado à uma época de arbitrariedades, de violência...

PAPA HIGHIRTE

— Um momento, General Perez y Mejia, analisemos, ana...

PEREZ Y MEJIA

— A memória do povo é ...

PAPA HIGHIRTE

— Um momento General, as violências era seu grupo quem pedia, as torturas tiveram sua cobertura..

PEREZ Y MEJIA

— Mas quem o derrubou fui eu, Papa.

PAPA HIGHIRTE

— Eu não apoiarei você Perez y Mejia, não apoiarei. Menandro e eu não o apoiaremos.

PEREZ Y MEJIA

— General Menandro está comigo.

PAPA HIGHIRTE

— Como? Quem? O quê?

PEREZ Y MEJIA

— Vai fazer parte do Ministério, o senhor terá seu representante no Ministério e...

PAPA HIGHIRTE

— Desminta isso, Menandro, desminta...

PEREZ Y MEJIA

— Vou tentar evitar essas eleições, Papa, só eu tenho condições de tentar isso, palavra que detesto chegar ao poder nestas condições. Só eu tenho o apoio da oficialidade...

PAPA HIGHIRTE

— E eu? Tenho a simpatia do povo, Papa Highirte me chamam, Papa, Papa...

PEREZ Y MEJIA

— ... Infelizmente todos cospem quando seu nome é pronunciado em Alhambra, Papa...

PAPA HIGHIRTE

— Não admito que fale assim comigo, Perez y Mejia!

PEREZ Y MEJIA

— O senhor William também me apóia...

PAPA HIGHIRTE

— um golpe baixo, canalha, sujo, não apóiem este homem, Wihiam, é um carreirista, is a bastard, a bastard!

PEREZ Y MEJIA

— Vamos Papa...

PAPA HIGHIRTE

— Um carreirista sujo decomposto ministro de Camacho enriqueceu à frente do Exército nas concorrências para compra de material, nos pareceres sobre segurança nacional, he is thief, a bastard.

ESTRANGEIRO

— Come on, Papa, you must understand...

PAPA HIGHIRTE

— Son of a bitch, William, um filho da puta a son of a bitch!

PEREZ Y MEJIA

— Você não tem alternativa, Highirte. Com Menandro no Exército dentro de mais um tempo você poderá voltar à Alhambra, viver seus últimos dias dançando sua chula, é preciso pulso agora, não vim aqui para pedir o seu apoio, vim para exigir o seu silêncio. É absolutamente necessário o seu silêncio. Estamos à beira da guerra civil. Nosso movimento em nenhum momento pode ser identificado com você. Você não nasceu Presidente de Alhambra, não é esse o seu destino, você era um mero coronelzinho e coronelzinho devia ter ficado... *(Longa pausa)*

PAPA HIGHIRTE

— ... Saiam, por favor... Por favor, General Mejia saia... Saiam... Por favor... *(Tempo. Todos saem. Menandro bate-lhe continência. Tempo. Papa sozinho. Um longo tempo. Abre em Mariz parado. Na mesma posição. Revólver na mão. Um tempo longo. Cantam baixo e descontraídos a mesma canção da chula)*

OS DOIS

— Quero ver sua fama
Quero ver sua guerra
Se você é homem

Ponha o pé na terra... *(Grissa entra. Mala na mão, sem o uniforme. A luz em Mariz desce mas se mantém. Revólver na mão)*

GRISSA

— Papa... Com licença, Papa, eu...

PAPA HIGHIRTE

— Quero pulque.

GRISSA

— . . . Papa, eu.. . Eu vou embora, Papa...

PAPA HIGHIRTE

— . . . Han?...

GRISSA

— . . . Arranjei um dinheiro assim, já vi o passaporte e tudo, fui lá, pus o dedo, tudo, vou para Alhambra agora às três e meia...

PAPA HIGHIRTE

—... Sei...

GRISSA

— Entende, Papa? Eu, é que eu fico muito sozinha e lá ainda tenho um pouco de família e... O senhor não fique zangado... Eu gosto do senhor, nem tenho raiva do que aconteceu é fatalidade e... Quando o senhor voltar a Alhambra vou visitar o senhor. Posso ir visitar o senhor?.. . Então. Até mais ver, Papa *(Papa não responde. Um tempo. Grissa sai. Papa. Um tempo. Sai. A luz em Mariz aumenta. Um tempo. Graziela aparece seminua, como estava vestida na última cena dos dois)*

GRAZIELA

— Fica comigo e com Papa e... Essas coisas são tão complicadas eu acho quem tem culpa? Não é essas coisas?... Eu gosto de você mas.. . Sabe? Eu preciso ter sempre uma escora, um.. . Uma coisa que me dê garantia, assim.. . *(Tempo. Mariz se levanta. Pega sua mala, começa a*

arrumar suas coisas). Eu sou bonita?... Você é meio paranóico... Vendedor de guarda-chuva... *(O revólver está na cama)* Diego, Diego, Diego. *(Graziela desaparece. Mariz arruma. Um tempo. Papa entra no quarto. Mariz pára de arrumar. O revólver vai para baixo do travesseiro. Papa não está enxergando nada)*

PAPA HIGHIRTE

— Morales foi ver como eu posso entrar em Alhambra, fazer um piano para minha viagem... Morales é um imbecil. *(Tempo. Senta-se arrasado. Mariz parado. Longo tempo)*... As pessoas usam a gente como se fôssemos o quê? como se fôssemos bagaço, Mariz, rebarba. .. Como se não tivéssemos sentimentos. . . É incrível como alguém pode destruir uma pessoa, Mariz, sem um rictus na face, sem um rictus.. . Você não gosta de mim mas eu sou bom, sou bom. Como bagaço, como água suja assim atirada.. . *(Tempo)* Você também vai embora?

MARIZ

— Vou, senhor.

PAPA HIGHIRTE

— ... Sei você também... Vocês farejam as coisas ruins... O faro de vocês eu conheço o faro de empregados... Vai deixar Graziela, esse emprego, quarto, comida? Vai para onde?

MARIZ

—... Não tenho lugar, senhor...

PAPA HIGHIRTE

— ... Como não tem lugar, Mariz, você cabe em qualquer lugar e eu? O pior é quando você não tem mais lugar dentro de você, sabe? Esse sim é um homem deslocado, batido, um homem que foi justo, que amou seu povo, que... Você? Ora, Mariz... Será que Camacho realmente fez coisas boas, Mariz, será que...? Quem sabe o povo precisa ser mesmo mais ouvido, quem sabe... Como pode haver democracia se ele só pode escolher nomes se ele não faz os planos, se ele não participa assim, acho que sempre pensei assim, Mariz, no fundo sou um socialista... Talvez, talvez façam eleições em Alhambra eu poderia me candidatar, um programa socialista... Será que eu errei muito, Mariz, hein, Mariz?

MARIZ

— . . . não sei, senhor...

PAPA HIGHIRTE

— Fale comigo, Mariz. Você deve ter ouvido alguma coisa. De onde você era?

MARIZ

— De Zacapa.

PAPA HIGHIRTE

— Zacapa. Tive uma grande recepção em Zacapa, tem o céu mais azul de toda a América Latina. Fale, Mariz.

MARIZ

— . . . Não sei, senhor, ouvi pouco...

PAPA HIGHIRTE

— Fale, Mariz, fale comigo.

MARIZ

— Ouvi pouco, senhor.

PAPA HIGHIRTE

— Me ajude, Mariz, o quê?

MARIZ

— ... que... que havia muitos planos e ninguém era consultado...

PAPA HIGHIRTE

— Absurdo, absurdo, havia as opiniões dos técnicos, que mais?.

MARIZ

— ... a justiça, senhor, não cumpriam as leis da justiça...

PAPA HIGHIRTE

— ... Como? Como?